

esinho

REVISTA ★ INFANTIL

Nº 120

DEZEMBRO
1957

CR\$ 5,00



Q. J. 150

DEZEMBRO

1	Domingo		1 ^o do Advento
2	Segunda		Sta. Bibiana
3	Têrça		S. Francisco Xavier
4	Quarta		Sta. Bárbara
5	Quinta		Sta. Natália
6	Sexta		S. Nicolau
7	Sábado		Sto. Ambrósio
8	Domingo	✠	IMAC. CONCEIÇÃO
9	Segunda		S. Siro
10	Têrça		Sta. Eulina
11	Quarta		S. Damásio
12	Quinta		S. Justino
13	Sexta		Sta. Luzia
14	Sábado		Sto. Ângelo
15	Domingo		3 ^o do Advento
16	Segunda		Sta. Adelaide
17	Têrça		S. Lázaro
18	Quarta		N. S ^o do O'
19	Quinta		Sta. Fausta
20	Sexta		S. Júlio
21	Sábado		Início do Verão
22	Domingo		4 ^o do Advento
23	Segunda		Sta. Vitória
24	Têrça		S. Delfim
25	Quarta	✠	NATAL
26	Quinta		S. Zózimo
27	Sexta		S. João Evangelista
28	Sábado		Sto. Abel
29	Domingo		S. Davi
30	Segunda		S. Sabino, Bispo
31	Têrça		S. Silvestre

Natal



Dezembro é o décimo segundo mês e o último também. Terminou o ano e estamos no mês mais belo. Digo mais belo porque neste mês é que se comemora a festa máxima da Cristandade: o nascimento de Jesus. Dezembro tem 31 dias e seu signo é Capricórnio. Neste mês chega o verão com o calor abraçador e um convite para as praias e campos. São dias ensolarados, cheios de poesia e vida. Quando o dia 25 se aproxima, sentimos uma felicidade invadir tudo e todos. As cidades ficam engalanadas e as vitrinas mais ricas de presentes e de côres. NATAL é a festa dos corações e das famílias. Em todo o mundo, êle é comemorado com devoção e amor. Sejam nas mesas mais ricas ou nas mais humildes há qualquer coisa de Natal. As árvores multicores reluzem nos lares; os presentes transbordam de alegria os corações infantis. Nas cidades pequenas a Missa do Galo convoca fiéis de muito longe. O sino repica e todos lembram com ternura que no dia 25 Deus Menino nasceu. As estrêlas parecem mais brilhantes, aves e animais mais felizes, povos cantando hinos, elevando-se aos céus em louvor do Pequeno Filho de Deus que prometeu PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BOA VONTADE.

DEZEMBRO

1	Domingo		1 ^o do Advento
2	Segunda		Sta. Bibiana
3	Têrça		S. Francisco Xavier
4	Quarta		Sta. Bárbara
5	Quinta		Sta. Natália
6	Sexta		S. Nicolau
7	Sábado		Sto. Ambrósio
8	Domingo	✠	IMAC. CONCEIÇÃO
9	Segunda		S. Siro
10	Têrça		Sta. Eulina
11	Quarta		S. Damásio
12	Quinta		S. Justino
13	Sexta		Sta. Luzia
14	Sábado		Sto. Ângelo
15	Domingo		3 ^o do Advento
16	Segunda		Sta. Adelaide
17	Têrça		S. Lázaro
18	Quarta		N. S ^a do O ^o
19	Quinta		Sta. Fausta
20	Sexta		S. Júlio
21	Sábado		Início do Verão
22	Domingo		4 ^o do Advento
23	Segunda		Sta. Vitória
24	Têrça		S. Delfim
25	Quarta	✠	NATAL
26	Quinta		S. Zózimo
27	Sexta		S. João Evangelista
28	Sábado		Sto. Abel
29	Domingo		S. Davi
30	Segunda		S. Sabino, Bispo
31	Têrça		S. Silvestre

Natal



Dezembro é o décimo segundo mês e o último também. Terminou o ano e estamos no mês mais belo. Digo mais belo porque neste mês é que se comemora a festa máxima da Cristandade: o nascimento de Jesus. Dezembro tem 31 dias e seu signo é Capricórnio. Neste mês chega o verão com o calor abraçador e um convite para as praias e campos. São dias ensolarados, cheios de poesia e vida. Quando o dia 25 se aproxima, sentimos uma felicidade invadir tudo e todos. As cidades ficam engalanadas e as vitrinas mais ricas de presentes e de côres. NATAL é a festa dos corações e das famílias. Em todo o mundo, êle é comemorado com devoção e amor. Sejam nas mesas mais ricas ou nas mais humildes há qualquer coisa de Natal. As árvores multicores reluzem nos lares; os presentes transbordam de alegria os corações infantis. Nas cidades pequenas a Missa do Galo convoca fiéis de muito longe. O sino repica e todos lembram com ternura que no dia 25 Deus Menino nasceu. As estrêlas parecem mais brilhantes, aves e animais mais felizes, povos cantando hinos, elevando-se aos céus em louvor do Pequenino Filho de Deus que prometeu PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BOA VONTADE.

PALESTRA DE VOVÔ FELÍCIO



CORAÇÃO AGRADECIDO

Queridos netinhos:

Neste bonito mês de dezembro, quando comemoramos o Natal do Menino Jesus, vamos festejar também o décimo aniversário da revista SESINHO.

Sim, meus netinhos, o primeiro número de SESINHO apareceu justamente no dia 15 de dezembro de 1947. Há dez anos venho conversando mensalmente com vocês e oferecendo às crianças, em nome do SESI, esta revista que é feita exclusivamente para os leitores da nossa terra.

Hoje, estou muito contente. Meu coração é todo alegria e agradecimento. Primeiramente agradeço a Deus me haver proporcionado esta grande ventura de poder festejar o décimo aniversário do SESINHO. Agradeço a vocês, queridos netinhos, pois sem a amizade e o entusiasmo dos pequenos leitores não teria ânimo e inspiração para cumprir o meu dever; agradeço às professoras dos cursos primários e aos educadores em geral que durante estes dez anos tanto me incentivaram com suas opiniões e grande apoio; agradeço aos diretores do SESI que tão bem compreenderam a finalidade de nossa revista e me proporcionaram os meios necessários para realizá-la; agradeço aos meus companheiros, desenhistas e colaboradores, que tanto brilho trouxeram para a feitura da revista; agradeço, aos funcionários que comigo sempre trabalharam com dedicação e entusiasmo; agradeço, finalmente, a todos que de qualquer forma contribuíram para que, durante estes últimos dez anos, a criança brasileira tivesse uma revista bonita, de leitura alegre e sadia, recreativa e instrutiva.

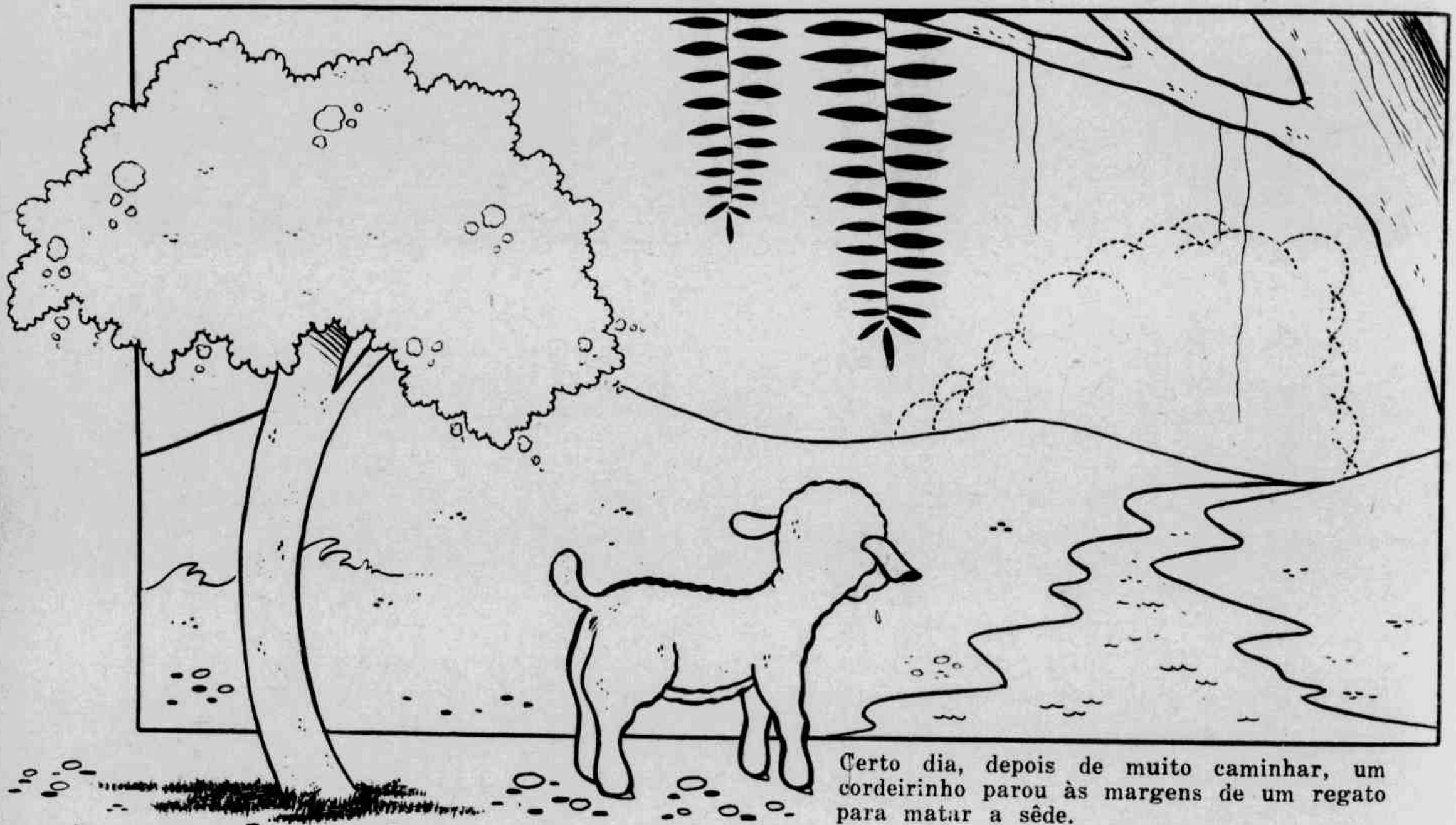
E terminando, queridos netinhos, quero pedir ao Menino Jesus que continue abençoando o nosso trabalho e os nossos leitores.

Que a revista SESINHO, com as bênçãos de Jesus, possa, por mais dez e muitos anos ainda, continuar vitoriosa, cumprindo a sua missão junto das crianças de nossa terra, e que vocês, queridos leitores, tenham um bonito Natal, cheio de paz, de ventura e alegria, são, este mês, os votos do

Vovô Felício

Fábulas

Kimbar



Certo dia, depois de muito caminhar, um cordeirinho parou às margens de um regato para matar a sede.

Mas um lobo esfaimado a tudo observava.



Nada melhor do que um cordeiro para o almoço!

E assim falando, o lobo rumou para o regato. Lá chegando...

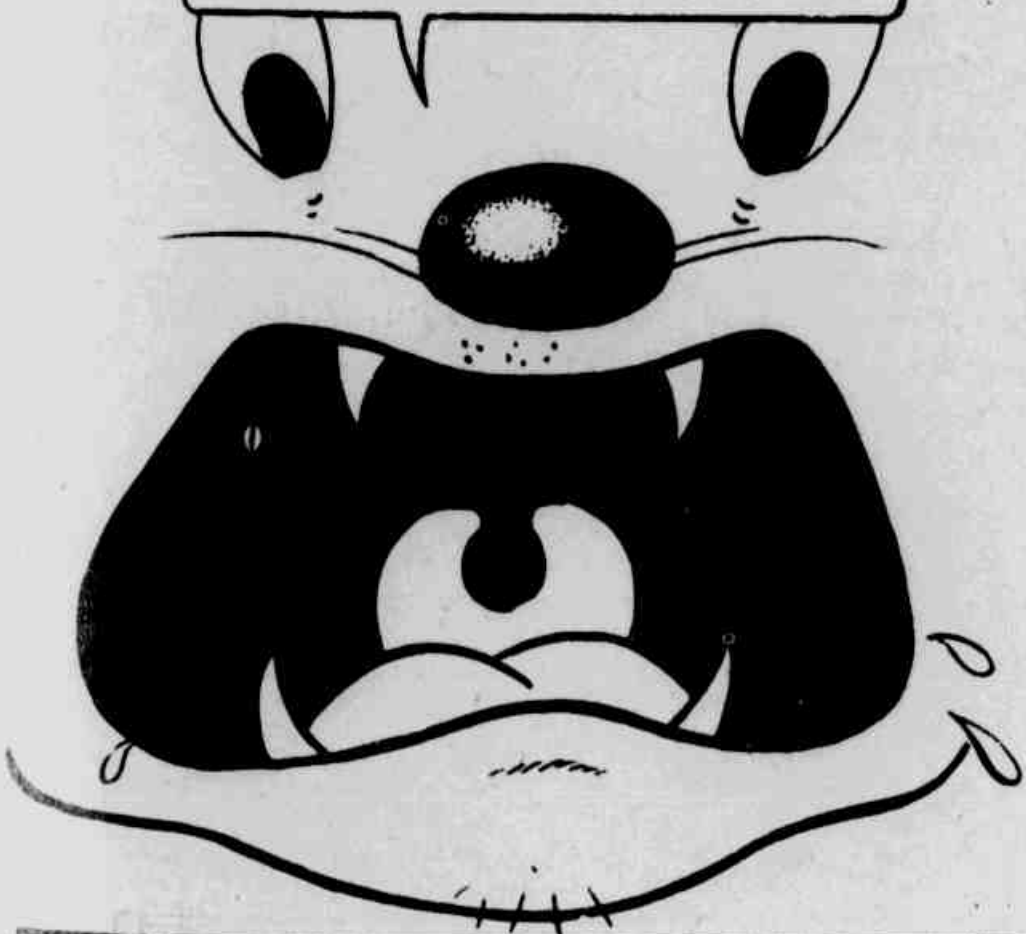


Como poderei turvar a sua água se ela corre do senhor para mim?



E o lobo vendo que com razões claras não conseguia vencer o pobre cordeiro, perdeu a paciência e se encaminhou para o animalzinho.

Se não foi você, foi seu pai, o que dá no mesmo!



E, sem mais nem menos, pegou o animalzinho e nhoc! — Era uma vez um cordeiro!

E o lobo mau, com a barriga cheia, voltou para sua casa, satisfeito, pois...



CONTRA A FÔRÇA NÃO HÁ ARGUMENTOS.

JANDAIRA

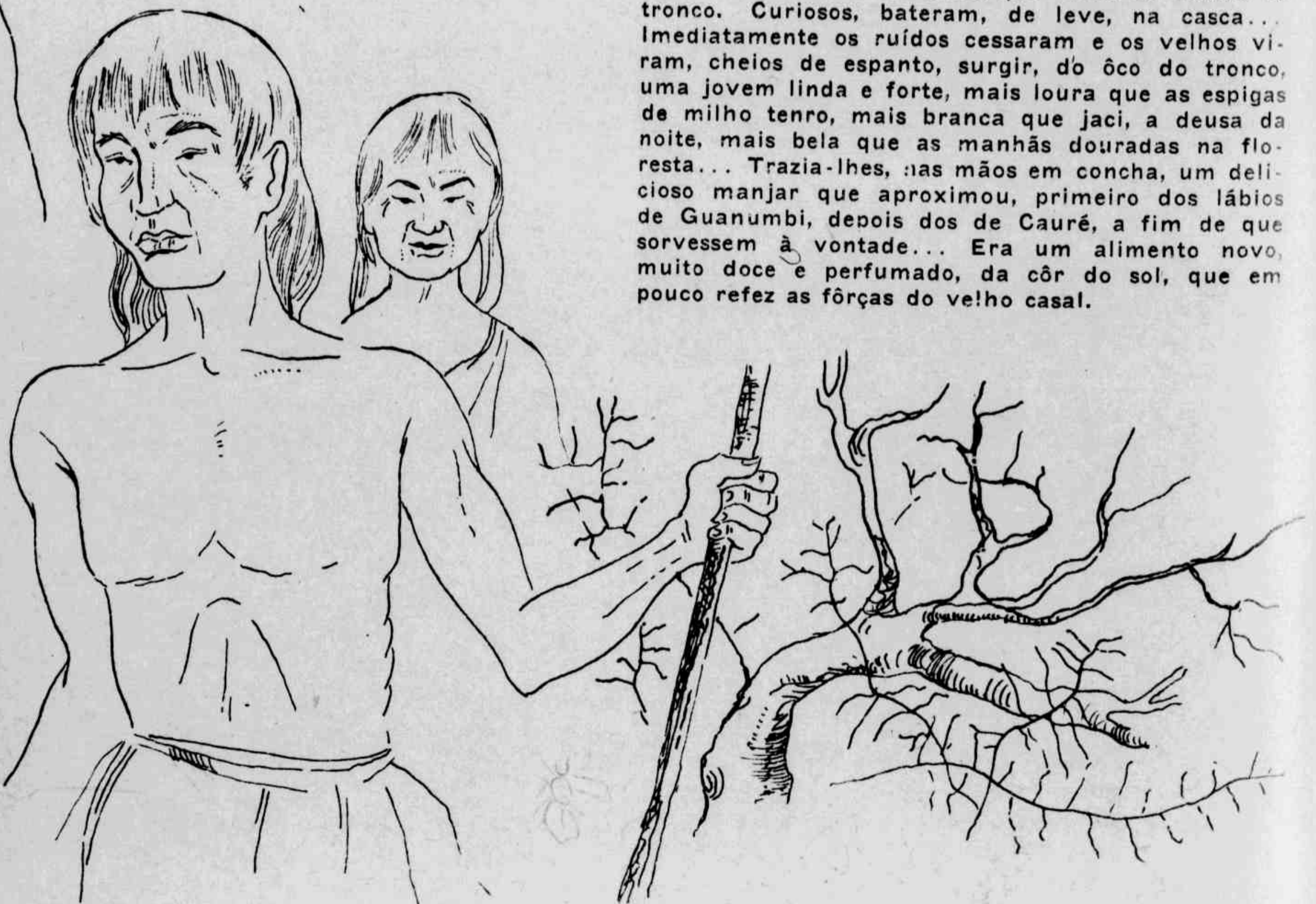
A DEUSA DO MEL

Lenda original de Ofélia e Narbal

Foi no tempo em que os índios binanauás passaram uma fome terrível. A tribo não sabia plantar nem fazer provisões. Em vista disso, os índios eram obrigados a sair, diariamente, para colher frutos, caçar e pescar. Mas aconteceu que uma prolongada seca assolou toda a região. Os rios expunham as pedras roliças do fundo de seu leito, onde não se via gota d'água! Nas árvores, as flores haviam murchado, ressequidas pela violência do sol... As aves e outros animais haviam abandonado a zona, em busca de alimento... De modo que, para não morrerem todos à míngua ou de sede, necessário se tornou que os homens moços e fortes empreendessem incríveis caminhadas a fim de realizar suas pescarias em regiões muito distantes...

Cauré e sua mulher Guanumbi, porém, estavam muito velhos, não podiam mais empreender longas marchas. Punham-se, então, todas as tardes, no caminho por onde passavam, de volta, os índios carregados de alimento, e imploravam-lhes um peixinho que fôsse com que pudessem matar a fome. Os índios jovens, no entanto, tinham o coração impiedoso e um dia resolveram não atender mais aquelas súplicas. E seguiram seu caminho, indiferentes à sorte do pobre casal de velhinhos...

Na manhã seguinte embora já estivessem quase sem forças, Cauré e Guanumbi resolveram acompanhar, como pudessem, os moços, na dura caminhada... Mas não conseguiram realizar esse desejo: exaustos em pouco deixavam-se cair junto a um velho tronco, carcomido pelos anos... iam morrer de fome e sede, com certeza... a menos que Tupã viesse em socorro de seus filhos... E assim foi que, não tardou muito, Cauré e sua mulher começaram a ouvir um zumbido estranho, que vinha de dentro do tronco. Curiosos, bateram, de leve, na casca... Imediatamente os ruídos cessaram e os velhos viram, cheios de espanto, surgir, do ôco do tronco, uma jovem linda e forte, mais loura que as espigas de milho tenro, mais branca que jaci, a deusa da noite, mais bela que as manhãs douradas na floresta... Trazia-lhes, nas mãos em concha, um delicioso manjar que aproximou, primeiro dos lábios de Guanumbi, depois dos de Cauré, a fim de que sorvessem à vontade... Era um alimento novo, muito doce e perfumado, da cor do sol, que em pouco refez as forças do velho casal.



Cauré e Guanumbi não sabiam como agradecer a Tupã o presente milagroso. Reanimados, levantaram-se e partiram, acompanhados pela moça que, ao chegar à oca, armou-lhes as rêdes, onde os fêz deitar à sesta, enquanto limpava o terreno, revolveia a terra, e enchia um pote de barro cru com o delicioso manjar que trouxera numa fôlha de pacoveira, do ôco do tronco onde morava.

Dêsse dia em diante, o velho casal de índios começou a prosperar!... Os outros selvagens da tribo ficaram intrigados, e não era para menos... Como explicar a presença da bela jovem na oca humilde?... Quem seria ela, de onde teria vindo, tão sobrenatural, tão silenciosa, tão diligente?...

A moça não dava palavra com ninguém, e estava sempre ocupada num trabalho útil, dando a todos o belo exemplo de uma atividade contínua e proveitosa... Só poderia ser alguma filha de Tupã, enviada para auxiliar Cauré e Guanumbi na sua velhice... Os índios envergonhavam-se ao pensar que haviam negado alimento ao velho casal, que agora respeitavam e procuravam servir como podiam... E no desejo de imitar a estranha e linda jovem silenciosa, trabalhavam, plantavam, semeavam... Quando as primeiras chuvas vieram, o solo, tratado por êles, se cobriu de verde: eram as primeiras lavouras de mandioca e milho cururuca que brotavam... Em tôrno da oca de Cauré e Guanumbi, o milho apendoava... Era agora possível colher o fruto do trabalho da misteriosa companheira, branca, formosa e loura, presente de Tupã, sem a menor dúvida...

Foi então, que, pela primeira vez, aproximando-se dos velhos, a moça falou:

— Eis acabada a minha missão. Daqui por diante cuidai da terra, colhei os frutos, guardai as sobras para os dias de menos fartura. Vou morrer!...

— Não fales assim, responderam os velhos. Todos aqui te estimam e admiram. És moça, bela e forte... Por que ameaças deixar-nos?!

— Minha missão está acabada. Preciso partir. Mas não choreis a minha morte... Sepultai-me no ôco do tronco de onde me vistes sair... E procurai-me lá, se algum dia precisardes de mim...

— Mas dize-nos ao menos quem és, suplicou, emocionada, Guanumbi. Foste tão nossa amiga!

— Sou Jandaíra, a deusa do mel... Aquela que fabrica seu alimento com o perfume das flôres e tem sempre suas reservas para os dias maus... Que não se cansa de trabalhar e produzir...

Dizendo essas palavras, a moça se deitou na rêde como se fôsse dormir e não acordou mais...

A notícia de sua morte rapidamente se espalhou e a tribo inteira acorreu para ver pessoalmente o que se passava na oca de Cauré. Jandaíra!... Jandaíra!... exclamavam aflitos e comovidos. No outro dia, com as cerimônias usuais, foi feito o sepultamento da deusa do mel, no tronco ôco e carcomido pelos anos... E desde então, sempre que as plantações se cobrem de flôres, ouve-se um zumbido intenso junto à velha árvore e, de seu interior, saem milhares de abelhas douradas como as manhãs de sol na floresta... São as filhas de Jandaíra fazendo a colheita do néctar para a fabricação do mel, que ficou sendo o alimento preferido pelos índios binanauás...



NATAL

Leonor Posada

Noite feliz! Noite feliz
O mundo inteiro te bendiz...

Nasceu Jesus, pobre em Belém,
O nosso Pai, o nosso Bem.

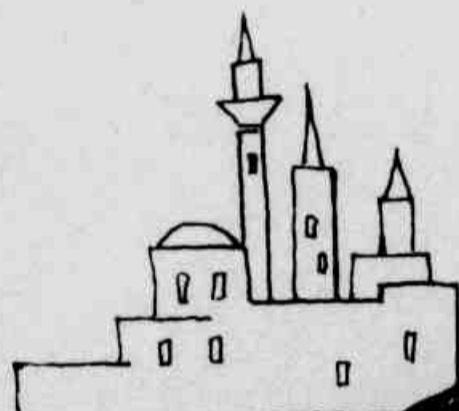
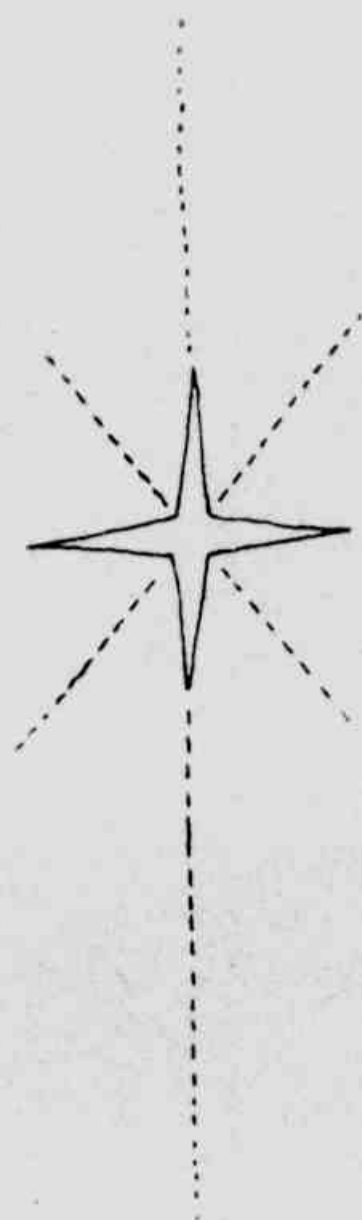
Noite feliz, noite de amor,
Do nascimento do Senhor.

Guardai, estrêlas, o olhar, a luz!
Agora dorme o bom Jesus...

A terra, o céu, em luz se faz...
Que grande amor! Que grande paz,

Que se derrama, assim no ar...
Maria as mãos cruza a rezar.

Noite feliz! Noite feliz!
O mundo inteiro te bendiz!...



NATAL

Mary Buarque

Natal! Natal! Tudo reluz!
Ouvem-se cantos, ladainhas...
Lá no presépio nasceu Jesus,
O grande amigo das criancinhas!

Natal! Natal! No céu distante,
Os anjos cantam gloriosos hinos
Para Jesus, o loiro infante,
Que tanto amou os pequeninos!

E cantam alegres todos os sinos!
Parecem dizer no seu cantar:
— Venham meninas! Venham me-

[ninos!

De-lem-on-dem! Venham rezar!

Oh! Como é lindo, sem igual!
Quanta alegria, enfim, traduz
O nosso sino de Natal,
Dizendo a todos: — Nasceu Jesus!



NOITE DE NATAL

Edvete da Cruz Machado

Quando é Noite de Natal,
Noite de amor e carinho,
As estrêlas, lá no céu,
Vão clareando um caminho.

Nessa estrada luminosa,
Vem vindo Papai Noel,
Trazendo, pras criancinhas,
Brinquedos feitos no céu.

Papai Noel, que acertou
Do céu à terra o caminho,
Meu desejo é que depressa
Encontre meu sapatinho.

NATAL

Vicente Guimarães

Natal! Natal! Que alegria
Que noite cheia de luz!
Em humilde estrebaria
Nasceu menino Jesus.

Senhor de toda grandeza,
A linda criancinha loura
Teve, com muita pobreza,
Como berço a manjedoura.

Todo luxo recusou,
Não quis pompas, não quis nada;
Ricos palácios trocou
Por humilde água-furtada.

Mas teve Jesus, no entanto,
Tesouro de mais valia:
O beijo mais puro e santo,
Doce beijo de Maria.



NATAL

Olavo Bilac

Jesus nasceu! Na abóbada infinita
Soam cânticos vivos de alegria;
E toda a vida universal palpita
Dentro d'aquela pobre estrebaria...

Não houve sêdas, nem cetins, nem
rendas
No berço humilde em que nasceu
Jesus...
Mas os pobres trouxeram oferendas
Para quem tinha de morrer na Cruz.

Sobre a palha, risonho, e iluminado
Pelo luar dos olhos de Maria,
Vêde o Menino-Deus, que está
cercado
Dos animais da pobre estrebaria

Não nasceu entre pompas reluzentes;
Na humildade e na paz dêste lugar,
Assim que abriu os olhos inocentes,
Foi para os pobres seu primeiro olhar.

No entanto, os reis da terra,
pecadores,
Seguindo a estrela que ao presépio
os guia
Vêm cobrir de perfumes e de flores
O chão d'aquela pobre estrebaria.

Sobem hinos de amor ao céu pro-
[fundo;
Homens, Jesus nasceu! Natal! Natal!
Sobre esta palha está quem salva o
[mundo
Quem ama os fracos, quem perdoa
[o Mal!

Natal! Natal! Em toda a Natureza
Há sorrisos e cantos, neste dia
Salve, Deus da Humanidade e da
[Pobreza,
Nascido numa pobre estrebaria!

Contar é fácil

Fran Custódio

12.a LIÇÃO

Propriedades da Divisão:

1. — Consideremos a divisão: $80 \begin{array}{l} | 2 \\ \hline 40 \end{array}$

ou $\frac{80}{2} = 40$. De um modo geral temos: $D \begin{array}{l} | d \\ \hline q \end{array}$

D = dividendo; d = divisor e q = quociente.

2. — Em qualquer divisão, o dividendo é igual ao divisor vezes o quociente:

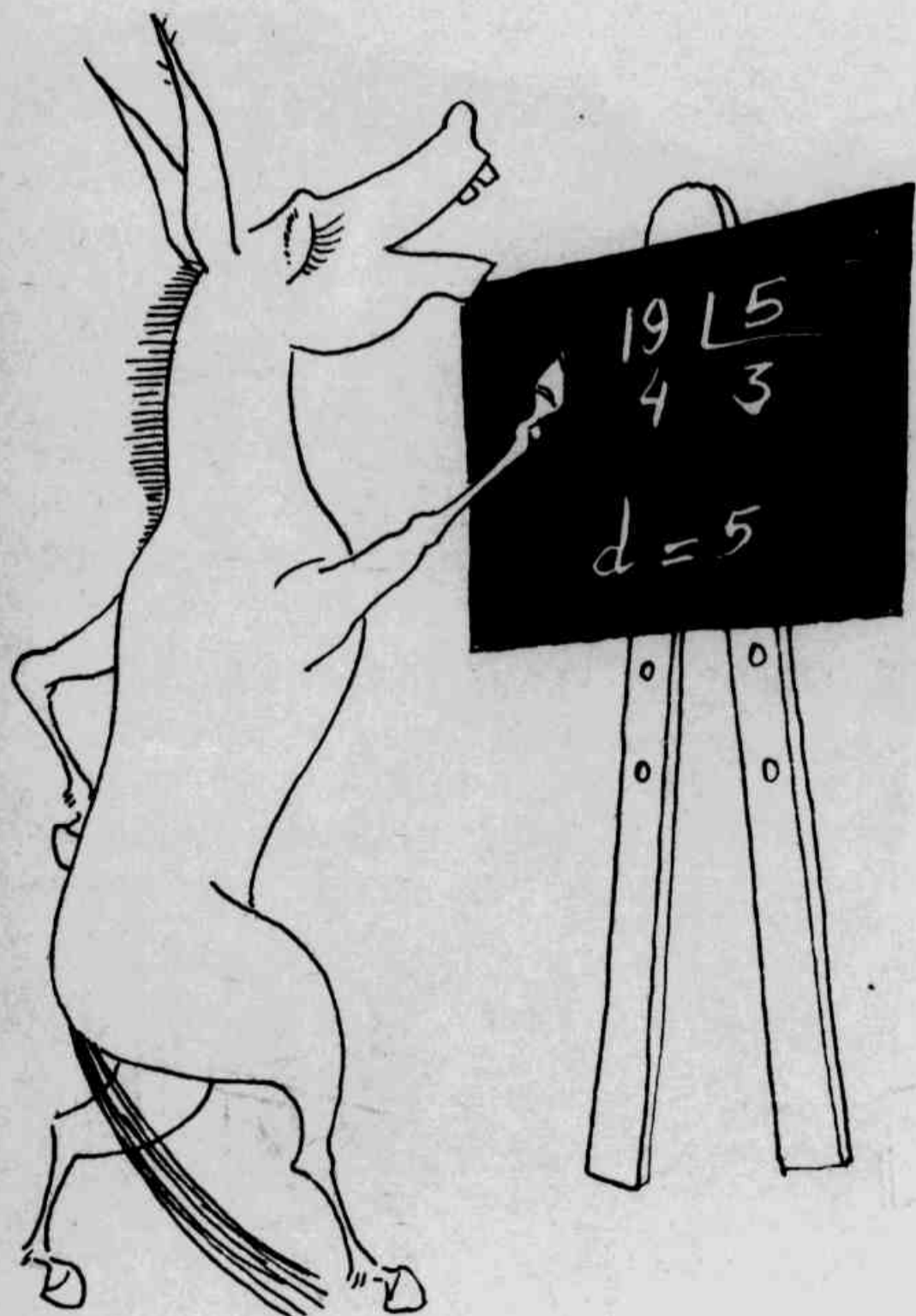
$D = dq$
Com números: $80 = 2 \cdot 40$

3. — Se a divisão contém resto, teremos: o dividendo é igual ao divisor vezes o quociente mais o resto: $D = dq + r$

Com números: $49 \begin{array}{l} | 5 \\ \hline 9 \end{array}$ (49 = 5 vezes 9 mais 4)

4. — Multiplicando-se ou dividindo-se o dividendo e o divisor por um mesmo número, o quociente não se altera e o resto (se houver) ficará multiplicado ou dividido pelo número. Assim:

$20 \begin{array}{l} | 5 \\ \hline 4 \end{array}$ multiplicando por 3: $60 \begin{array}{l} | 15 \\ \hline 4 \end{array}$



$50 \begin{array}{l} | 3 \\ \hline 16 \end{array}$ multiplicado por 5: $250 \begin{array}{l} | 15 \\ \hline 16 \end{array}$

OBS.: O quociente permaneceu e o resto ficou multiplicado por 5 também.

5. — Dois números divididos por sua diferença deixam restos iguais. Assim:

Sejam os números: 59 e 48, cuja diferença é:
 $59 - 48 = 11$.

Dividindo ambos pela sua diferença temos:

$59 \begin{array}{l} | 11 \\ \hline 5 \end{array}$ e $48 \begin{array}{l} | 11 \\ \hline 4 \end{array}$

6. — Todo número que divide 2 outros, dividirá também sua diferença.

O número 3, por exemplo divide 72 e divide 54; então, dividirá também a diferença desses dois números, isto é: $72 - 54 = 18$.

7. — Resto máximo de uma divisão, chamado também: maior resto possível

maior resto possível, é igual ao divisor menos uma unidade. $d - 1 =$ maior resto possível.

Exemplo: $19 \begin{array}{l} | 5 \\ \hline 3 \end{array}$ $d =$ divisor
 $d = 5$
maior resto possível = $5 - 1 = 4$

8. — Em toda divisão cujo resultado é exato, o quociente é um número inteiro; se a divisão não é exata (é porque contém resto), então o quociente ou é um número misto, ou é um número fracionário (Vide 3.ª lição: fev. de 1957).

(Exemplos no próximo número).



VERÃO

VERÃO

21/12 a 21/3

O Verão, em nosso Hemisfério (Sul, Austral ou Meridional) é a última estação do ano e ocorre entre 21 de dezembro e 21 de março.

No Hemisfério Norte, Boreal ou Setentrional o Verão se verifica entre 21 de junho e 22 de setembro.

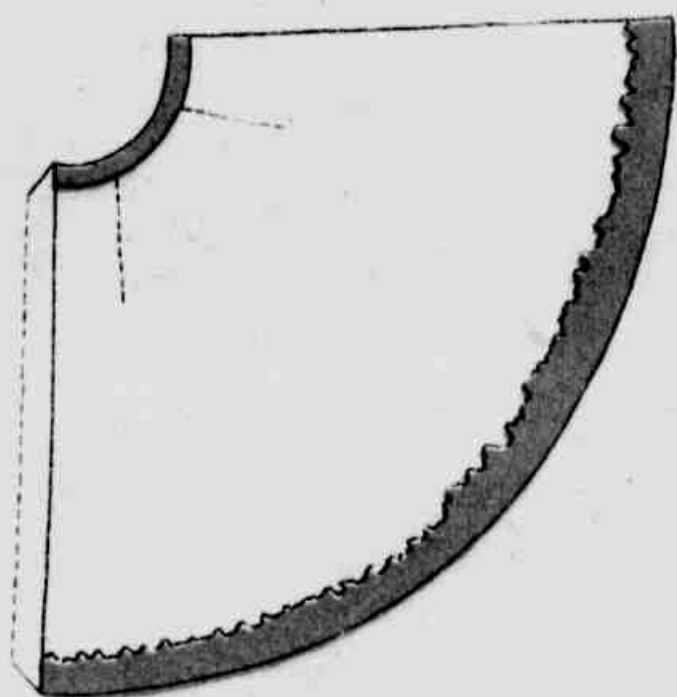
É o Verão a quadra mais quente do ano e, por isto, a época em que se veste roupa mais leve e quando as praias são mais frequentadas. É uma estação alegre e festiva, pois quase toda gente gosta de sair de casa para tomar a fresca.

O Verão não é mais quente porque o Sol esteja, nessa quadra, mais perto da terra, mas porque é nessa ocasião que os raios do Sol se projetam mais diretamente sobre a terra. No Inverno é diferente: os raios solares atingem a terra obliquamente.



BRINCANDO

ENFEITES DE NATAL



ANJOS

Corte em cartolina prateada ou branca o desenho da saia do anjinho. Convém fazer o corpo em cartolina branca para melhor poder desenhar a cabeça do anjinho e pintá-lo conforme o modelo.

A saia será cortada de acordo com o tamanho que você der ao corpo.

Cole pela linha pontilhada, amasse também na linha pontilhada e cole então o corpo.

A auréola do anjo deve ser pintada em purpurina dourada.

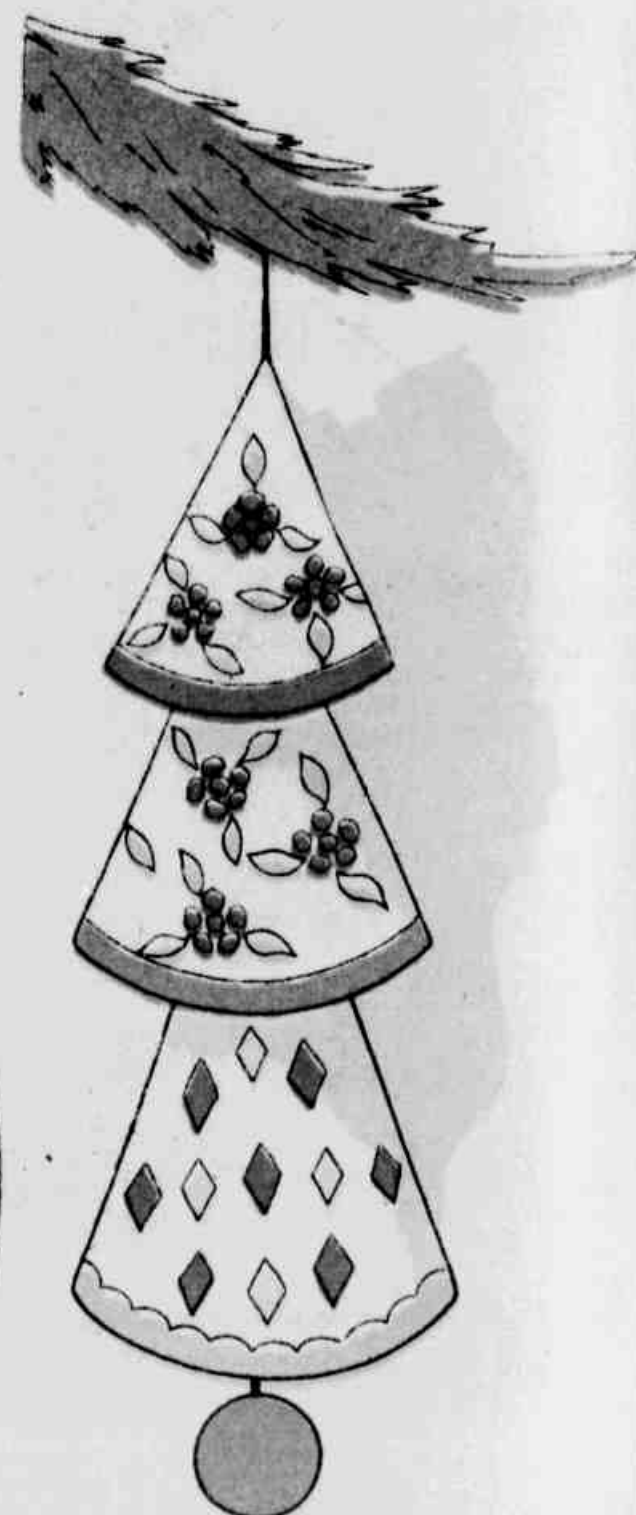
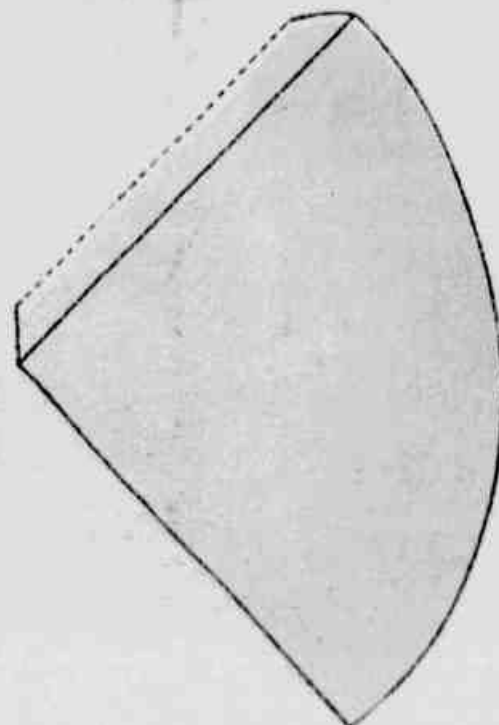
Caso você não queira colocar o anjinho na mesa da ceia, basta colar um barbante atrás e pendurá-lo na árvore de natal que ficará uma beleza.


CAMPÂNULAS

Corte de acordo com o modelo ao lado, cartolina prata, ouro, vermelha, verde, enfim, a quantidade de cores que desejar.


Cole pela linha pontilhada e com retalhos de outras cores, faça os adornos que quiser nos cones e os pendure na árvore, amarrando na ponta do arame ou barbante uma bola dourada, para dar arremate ao enfeite.

Causará efeito surpreendente a sua árvore com uma porção destes cones alegres.






GLÓRIA A DEUS NAS AL-
TURAS E PAZ NA TERRA
AOS MOMENS DE BOA
VONTADE




VOTOS DE NATAL

Vicente Guimarães



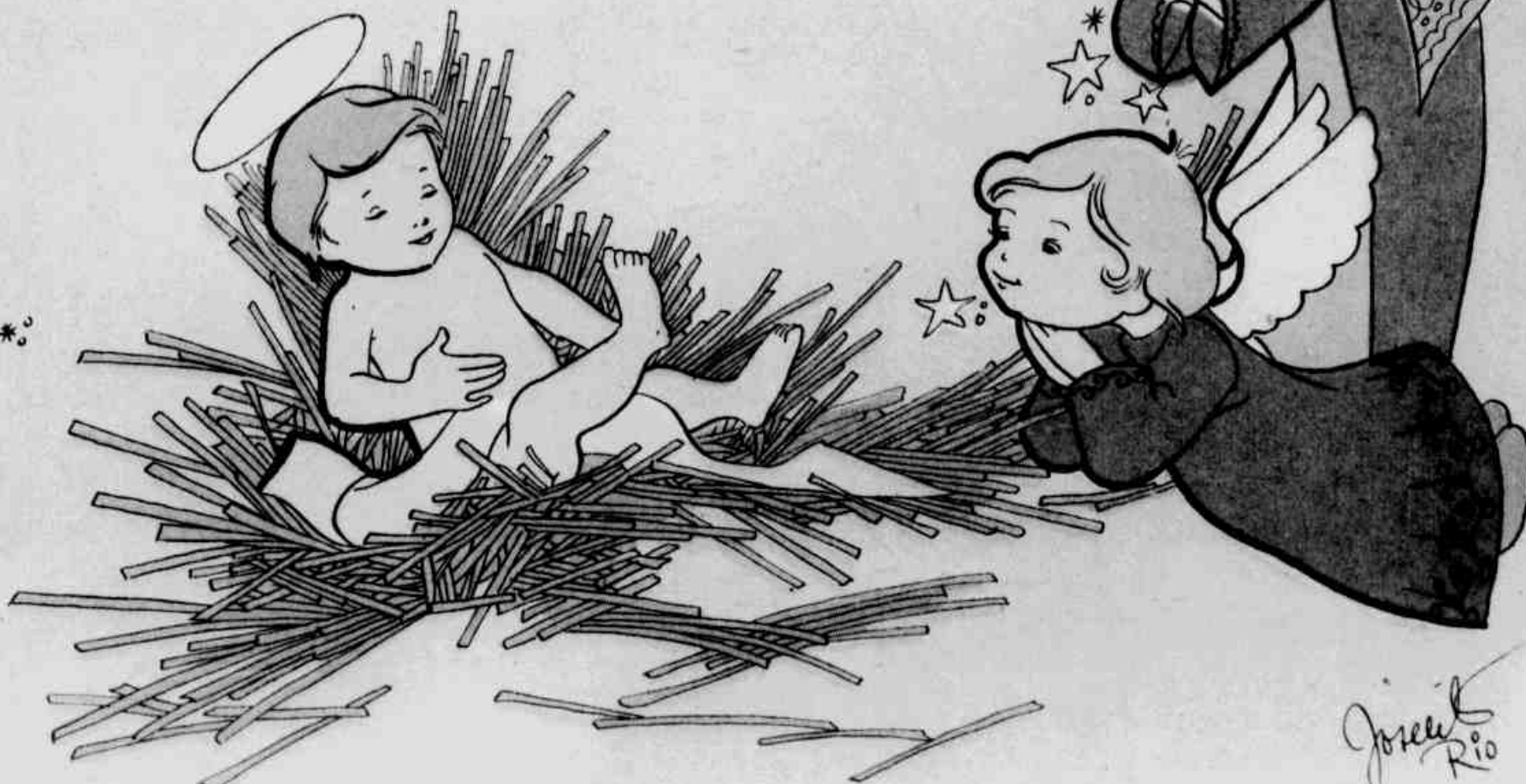
A noite cheia de luz,
A Terra, que resplendor!
Em Belém nasceu Jesus,
O Mensageiro do amor.

Os anjos participaram
A vinda do Deus-Menino
E, cantando, apresentaram
O sublime Peregrino.



Paz na terra, amor também,
Entre os de bom coração,
Assim, os anjos do bem
Prometeram na canção.

A Jesus, Deus de bondade,
Pedimos, pois, com fervor:
Nos lares: felicidades;
Nos corações: muito amor.



*Josele
Rio*



LENDAS BRASILEIRAS

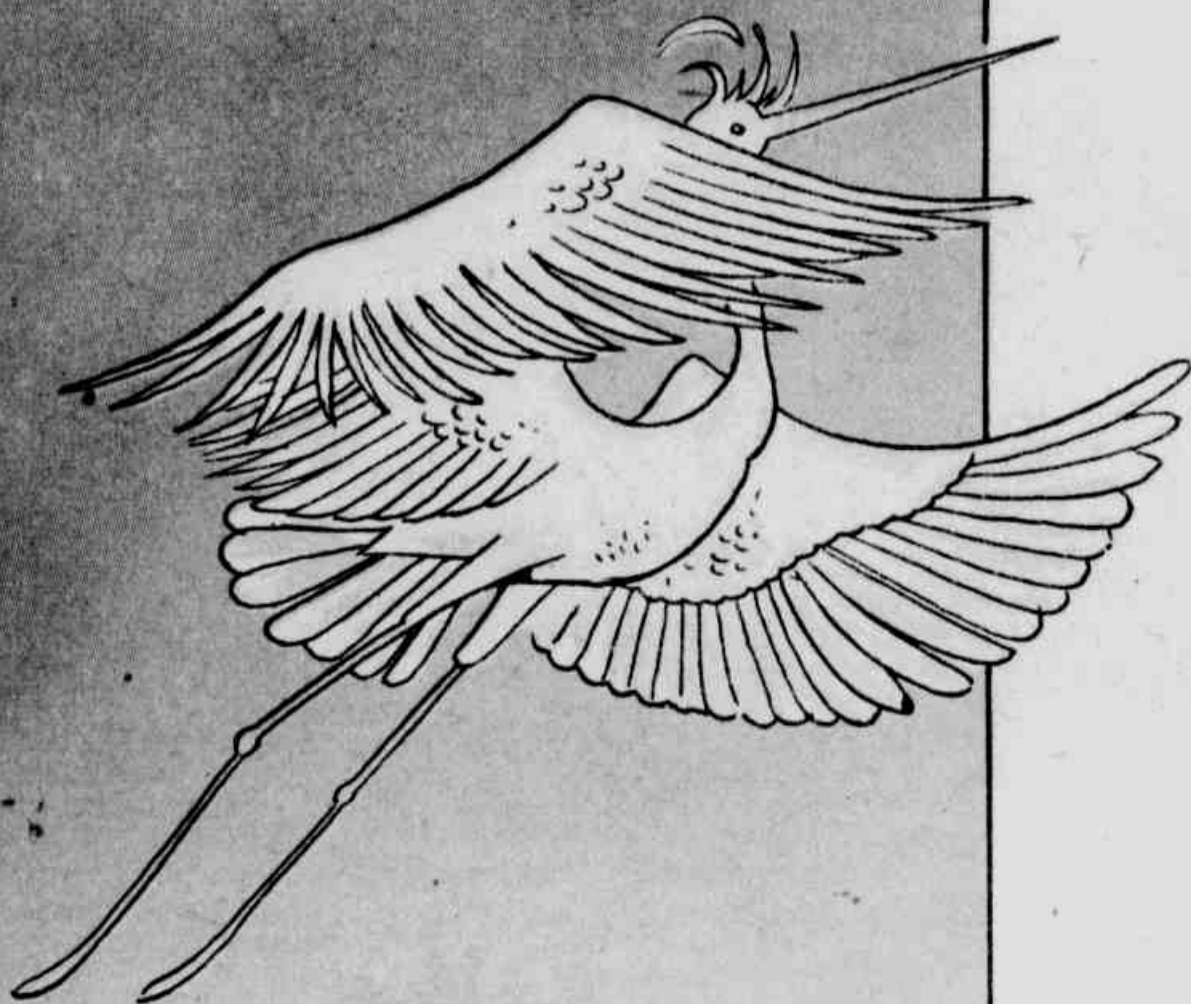
Lenda de

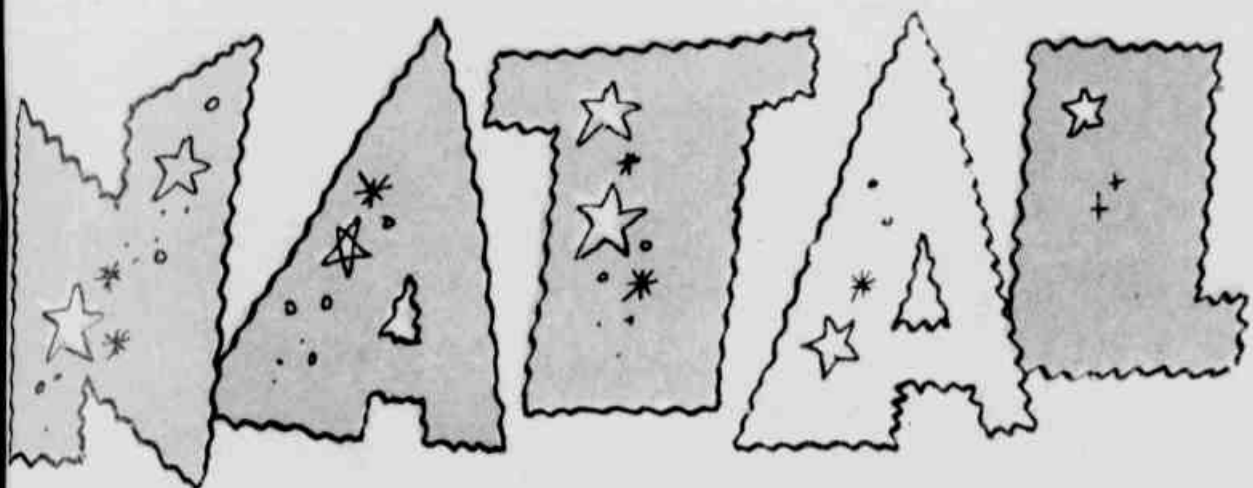


CONTA a lenda que há muitos e muitos anos, quando os bondosos padres jesuítas vieram para o Brasil, logo nos primeiros dias de sua chegada, alguns d'êles foram ter a uma aldeia de silvícolas, ali começando a catequese. Êles contaram aos índios como o filho de Deus viera ao mundo e como morreu para salvar a humanidade. Os índios os ouviam atentamente, e, dentre êles, salientava-se o pequenino Iapi, que não se cansava de perguntar tudo a respeito do nascimento do Menino Deus. Iapi não era como os demais meninos de sua tribo: não maltratava os animais e adorava as flôres. Jamais tirou um ninho de passarinho e jamais respondeu mal aos seus queridos pais, aos quais respeitava profundamente. Êste menino chamou a atenção dos padres que por êle tiveram grande admiração.

Certo dia, perto do Natal, a tribo foi avisada pelo pajé, o feiticeiro, que uma grande tempestade se aproximava e iria destruir tudo e todos os que permanecessem ali. Pouco depois a aldeia estava deserta.

Os jesuítas haviam partido há muito, para catequizar outras tribos.



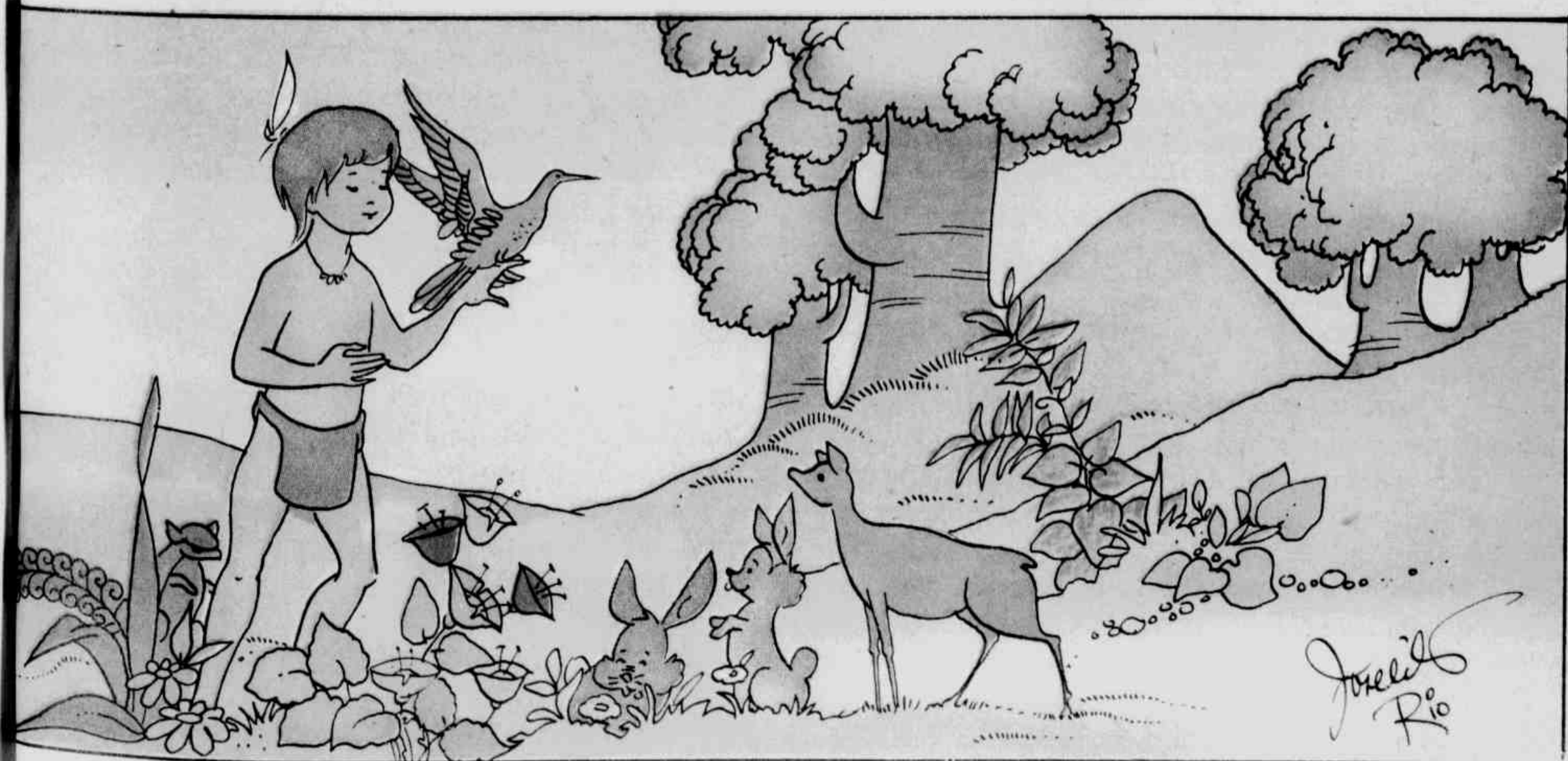


Antes que a tempestade caísse, os pais do índiozinho saíram para caçar. Só zinho na sua oca, o menino esperava pelos pais que não regressariam jamais, pois foram mordidos por uma serpente. A noite aproximava-se e com ela a tempestade. Iapi saiu à procura dos parentes queridos. A escuridão era tremenda. As grandes árvores pareciam gigantes movimentando-se com a fúria do vento. Oculto sob um tronco, o menino rezava, pedindo a Deus que o protegesse. Lembrou-se que o dia que se aproximava era o dia de Natal. De repente, Iapi ouviu um ruído. Uma garça muito branca voava em sua direção. Seria uma das aves a quem ele prestara auxílio? Não! Ele nunca havia visto ave tão linda. Pousando sobre um pequeno monte, a ave, para espanto do índiozinho, transformou-se numa casinha branca e o seu bico tomou a forma de uma torre.

— A CASA DE DEUS! — Exclamou Iapi, vendo diante de si uma igreja! Ali ele estaria abrigado da tempestade. Para lá se dirigiu. Havia um altar lindo, com luzes e flores, com a imagem da Virgem de braços abertos. O menino fez uma oração, pedindo a Deus que o levasse para junto dos seus pais...



Dizem que a igreja mais tarde foi encontrada com a imagem da Virgem no altar, tendo nos braços um Deus Menino moreno, de olhos rasgados que mais parecia um índiozinho...

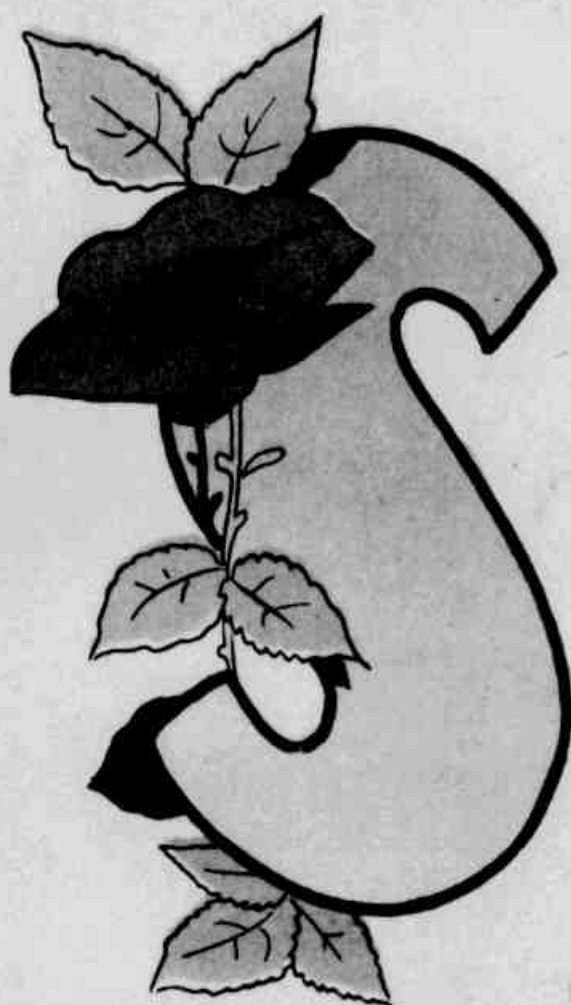


O Calado de ONÇA

Ilustração de JOSELITO

CAPÍTULO XI

A RAPÔSA E A CEGONHA



A ZEFA está sempre na cozinha trabalhando e procurando fazer quitutes gostosos para os netinhos de Vovô Felício. Mas, se tudo de bom que faz é para os meninos, não gosta que estes fiquem tirando as coisas fora de hora. Seu prazer é fazer os doces e biscoitos, colocar tudo na mesa e chamar a turma para comer.

Um dia dêsses, estava ela fritando biscoitos para o lanche. João Bolinha e Zé Bolacha passaram pela cozinha e ficaram com água na boca. O boneco ainda arriscou o pedido de uma provazinha, mas Sá Zefa negou, mandando-o esperar a hora do café.

João Bolinha não se conformou com a negativa e, com o negrinho, pôs-se a estudar um meio de furtar biscoitos fritos.

Dedete, vendo os dois cochichando, aproximou-se e perguntou:

— Eh! Que é que vocês estão tramando aí?

— Oh! Dedete! Você chegou na hora. Precisamos, justamente, de mais um auxiliar para pôr o nosso plano em prática.

E João Bolinha contou ao menino que Sá Zefa estava fazendo deliciosos biscoitos fritos e que eles queriam furtar alguns. Dedete aderiu ao plano, que ficou assim combinado: Dedete e João Bolinha iriam para a cozinha. Enquanto o menino distraía Sá Zefa, conversando com ela, o boneco furtava os biscoitos que passava ao Zé Bolacha em guarda ao pé da janela do lado de fora. Depois, os três se reuniram no pomar e comeram o produto do furto.

Assim que os dois apareceram na cozinha a preta bem que desconfiou de alguma peraltice, e foi logo dizendo:

— Os biscoitos são para a hora do café. Num adianta me rodar e nem pedir.

— Nós sabemos, Sá Zefa. Eu vim aqui apenas perguntar qual é o santo de hoje, quero fazer a ele um pedido.

— Muito bem, meu filho. É rezando para o santo do dia que a gente obtém o que deseja. Hoje é dia Santo Ambrósio, um santo muito milagroso.

E enquanto a cozinheira conversava com Dedete

sobre o santo do dia, João Bolinha passava os biscoitos ao pretinho, pela janela.

A coisa ia muito bem. Ao verificar, porém se a água já estava boa, a preta viu uma barata dentro da panela. Foi até à janela e atirou fora a água quente fervendo.

Coitado do Zé Bolacha! A água quente caiu todinha nêle. O negrinho pôs-se a gritar e foi socorrido pela mãe e pelos companheiros. Felizmente,



as queimaduras foram só de primeiro grau, pois a água ainda não estava fervendo.

Ao socorrer o filho, sá Zefa viu os seus biscoitos fritos espalhados no chão e, depois de curar as queimaduras, fêz o negrinho explicar a razão daqueles biscoitos ali.

— Isso foi idéia do João Bolinha. Eu garanto que foi **êsse boneco levado quem planejou tudo**. Ele devia, agora, era ficar sem comer biscoitos!

E a boa negra voltou, resmungando, para a cozinha. Depois do café coado, pôs os biscoitos na mesa e, de cara fechada, chamou o pessoal para o lanche.

Vovô Felício comentou o furto dos biscoitos e pediu aos netinhos que fizessem suas reinações longe da cozinha e deixassem sá Zefa em paz.

João Bolinha ainda quis justificar-se:

— Mas, também ela foi culpada. Por que não deu a gente um biscoitinho só para provar? Não custava nada!

— Sim, meu netinho, não custava nada, porém, tem ela a sua maneira de agir. Gosta de tudo feito com ordem. O que faz é para vocês, mas quer oferecer nas horas certas.

— E sá Zefa tem tôda razão — comentou Maria Angelina.



João Bolinha tentou discutir com a menina, mas Vovô Felício cortou a conversa, entrando em outros assuntos.

De tarde, como Zé Bolacha ainda estivesse enrolado em gazes, Maria Angelina ajudou a Zefa a botar a mesa.

O jantar correu normalmente e, na hora do serão o negrinho não faltou. Já não sentia dores e podia andar perfeitamente bem.

Antes de Vovô Felício iniciar uma nova fábula, Maria Angelina perguntou-lhe:

— O senhor conhece a fábula da Rapôsa e da Cegonha?

— Conheço sim. É muito interessante.

— Mas aposto que o senhor não conhece a nova versão, que contam lá no Rio.

— Não. Essa eu desconheço. Você quer contá-la?

— Não! Deve ser alguma bobagem, Vovô Felício. Não deixe a Maria Angelina contar nada.

— Que é isso, João Bolinha! Nós permitimos que você contasse a sua lenda, * lembra se?

— E depois, se você não quiser ouvir, que se retire.

— Pois vou-me embora mesmo.

— Não, senhor. Nada de se retirar, meu netinho. Você fique aqui e ouça a fábula que a Maria Angelina vai contar.

— E nada de apartes, hem! — Recomendou Dedete.

João Bolinha, que já se havia levantado, sentou-se de novo e a menina começou:

— Um dia, d. Rapôsa Prateada e d. Cegonha Pena-Branca se encontraram e começaram a conversar:

— Como vai a senhora d. Prateada?

— Vou bem, obrigada. E a senhora, d. Pena-Branca?

— Também vou vivendo na forma do costume.

— Há muito tempo que não nos encontramos! A senhora precisa aparecer, d. Pena-Branca. Eu, agora, sou quase sua vizinha. Estou morando na furna da montanha, do lado de cá, bem perto da lagoa.

— Pois não, terei muito prazer.

E as duas combinaram a visita para o dia seguinte.

À tarde, d. Pena-Branca dirigiu-se à casa de d. Prateada. Foi muito bem recebida, bateram um papo social e a rapôsa mandou vir o lanche. Em pratos rasos, foi servida uma deliciosa papa rala de caldó de osso engrossado com farinha de mesa.

Por mais que se esforçasse para experimentar a papa, nada conseguia a cegonha, com o seu comprido bico. Enquanto isso, a rapôsa lambia gostosamente o seu prato, devorando tudo.

Vendo que a cegonha ainda estava com o prato intacto, a rapôsa insistiu:

— A senhora não está gostando da papa, d. Pena-Branca? Coma um pouquinho mais.

— Estou gostando, sim, mais é que tenho dor de cabeça.

E a cegonha, com essa desculpa, despediu-se:

— Preciso ir d. Prateada. Amanhã, aguardarei a sua visita.

— Pois não, d. Pena-Branca. Irei vê-la, sim. Estimo as melhoras.

Quando a cegonha saiu, a rapôsa caiu na gargalhada, gosando o lôgro que passara na amiga.

D. Pena-Branca retirou-se danada da vida e com fome, pois almoçara pouco, pensando no lanche que lhe ofereceria d. Prateada.

Mal chegou à casa, a cegonha começou a pensar o que devia fazer para vingar-se da amiga. No dia seguinte, já tinha tudo preparado e aguardava ansiosa, a visita.

Sem se fazer esperar, na hora marcada, a rapôsa bateu à porta da cegonha. Foi muito bem recebida e ficou encantada com a vista que se descortinava da casa da amiga.

Depois de conversarem algum tempo, d. Pena-Branca mandou vir o lanche. Era suco de uva servido dentro de vidros bem compridos e estreitos.

A cegonha ofereceu um vidro à rapôsa e, pegando o outro, sugou, depressa, todo o suco de uva com seu bico comprido e fino.

Assim que acabou, olhou para a rapôsa. D. Prateada estava de pernas cruzadas deliciando-se vagorosamente com o refresco que lhe fôra oferecido. Trouxera consigo um canudinho de fôlha de mamão e, assim, pôde tomar todo o conteúdo do vidro.

— Está delicioso, d. Pena-Branca. Jamais tomei um refresco tão gostoso.

A cegonha, desesperada, nem sabia o que falar, enquanto a rapôsa, sorrindo pensava:

— Comigo, não! Eu sou moderna!

Vovô Felício riu gostosamente da nova versão da fábula e deu parabéns à Maria Angelina pela maneira graciosa com que ela a contou.

— Dedete e Zé Bolacha riram, também, e João Bolinha falou ao negrinho:

— Não sei porque você está rindo, Zé Bolacha! Você não conhece a fábula verdadeira!

— Conheço sim. Na verdadeira, a cegonha se vingou porque a rapôsa não pôde meter a língua no vidro e não tomou o refresco.

— Ah! Se você conhece, então pode rir.

— Eu também sei uma fábula antiga, modernizada.

— Muito bem. Amanhã você a contará para nós, Dedete. Por hoje, está encerrado o nosso serão.

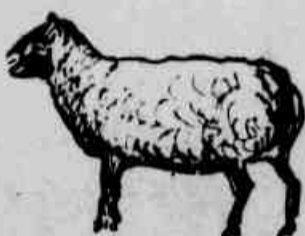



* — Episódio do capítulo, do livro "A Chácara de Vovô Felício".



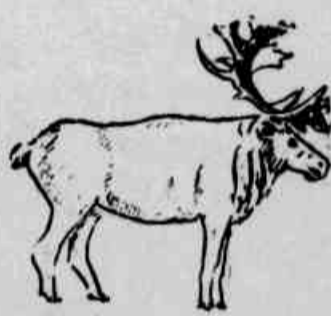







ZOOGRIFO N.º 1





UMA NOVIDADE PARA NOSSOS LEITORES





"SESINHO" tem o prazer de apresentar a seus inteligentes leitores um novo jogo que há de entretê-los e contribuir para aumentar os seus conhecimentos de História Natural, além de constituir excelente exercício de redação e pontuação.

1 	3-6-5-2 	3-4-1 	3-4 
--	--	--	--

3-4 	5-1-2-8-9 	2-1-4 	6-7 
--	--	--	--

1-2-3 	2-1 	5-6-2 	1-6-7-5 
--	--	--	--

1 	1-9 	1-4-3-7 	5-6 
--	--	--	--

4-5-6 	1-8-9 	1-4 	4-5-6 
--	--	--	--

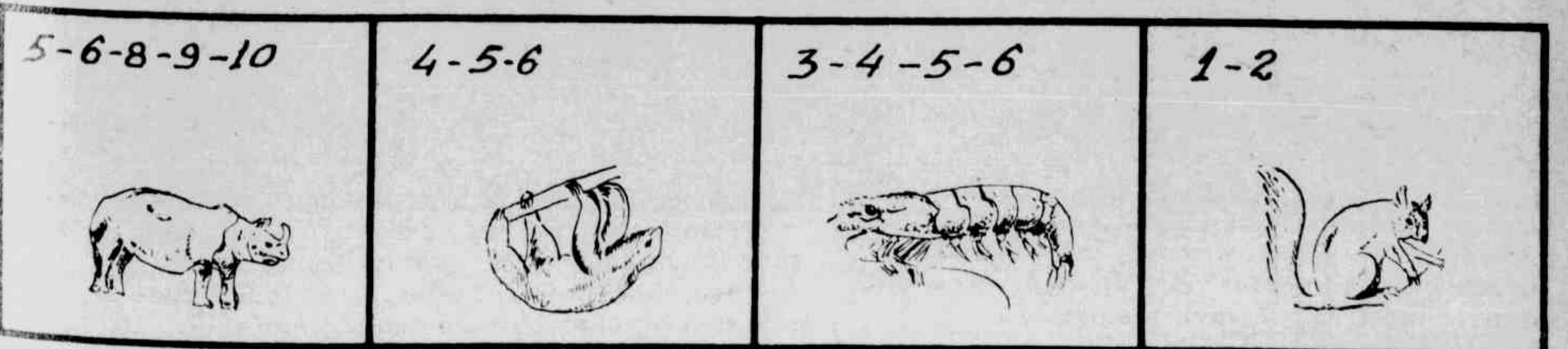
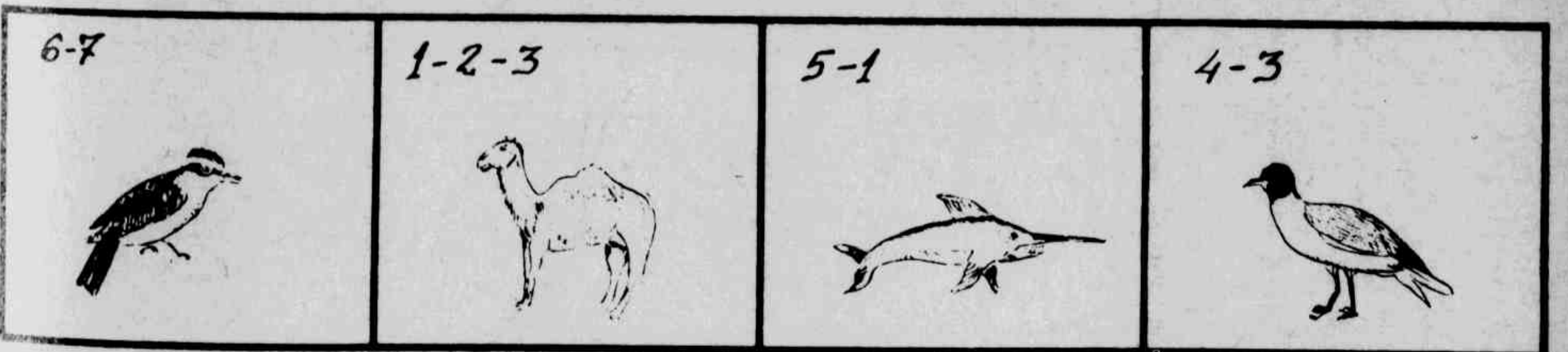
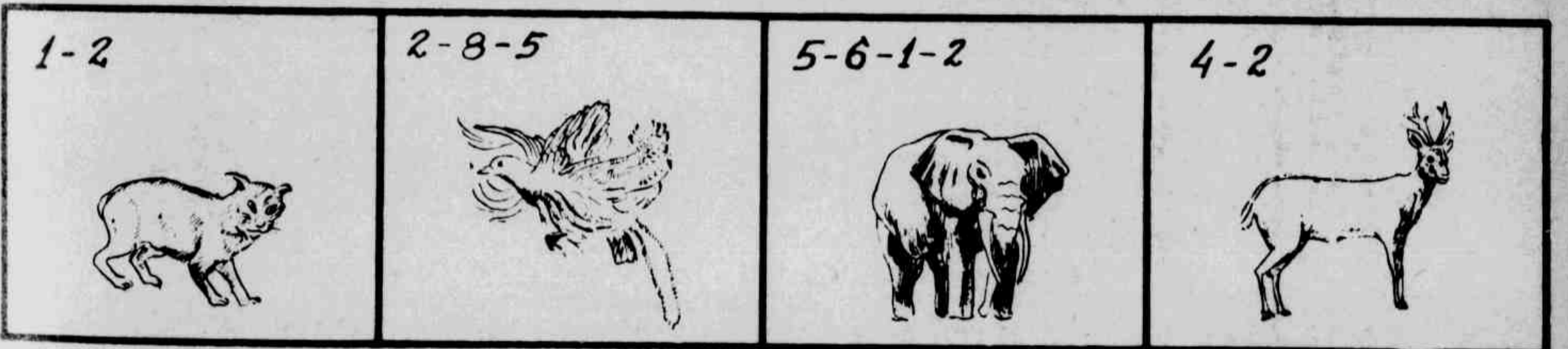
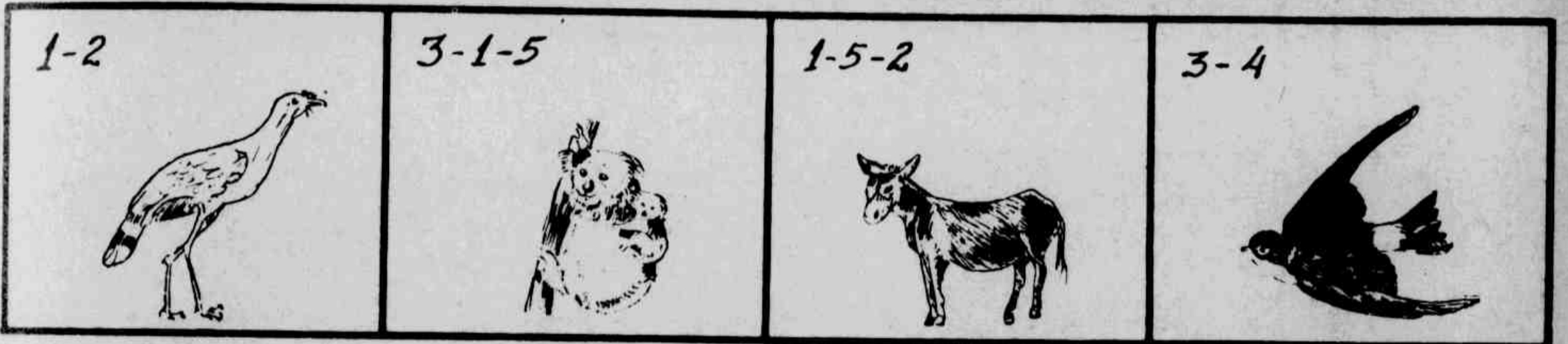
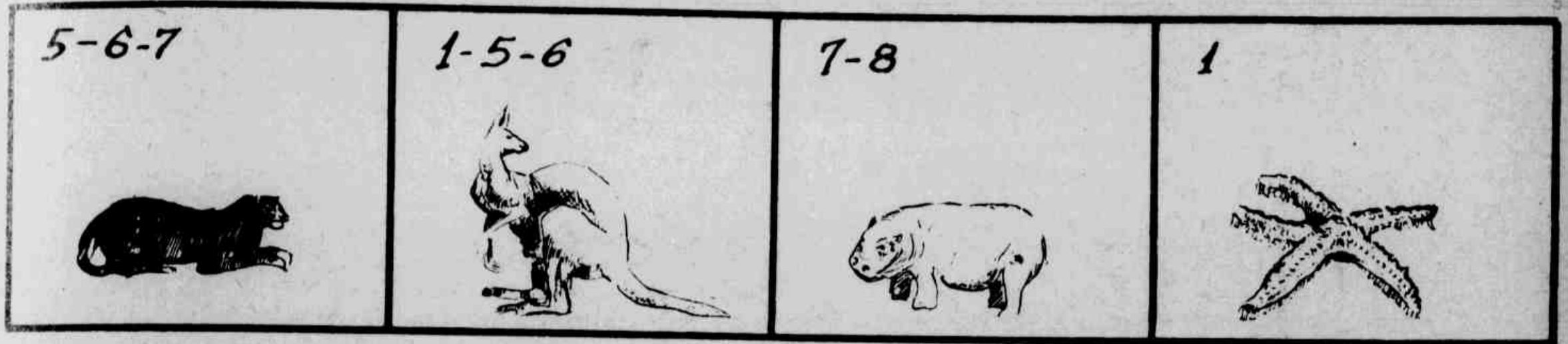
Esse jôgo chama-se "ZOOGRIFO".

O "Zoogrifo" se decifra mediante as seguintes regras:

1.º) — Descubra o nome do animal representado na figura e numere tôdas as suas letras. Caso tenha dificuldade em reconhecer o animal, procure identificá-lo no vocabulário publicado na página 45;

2.º) — Escreva, embaixo de cada figura, sômente as letras de cada nome, na ordem indicada pelos algarismos que se encontram dentro do quadrinho respectivo;

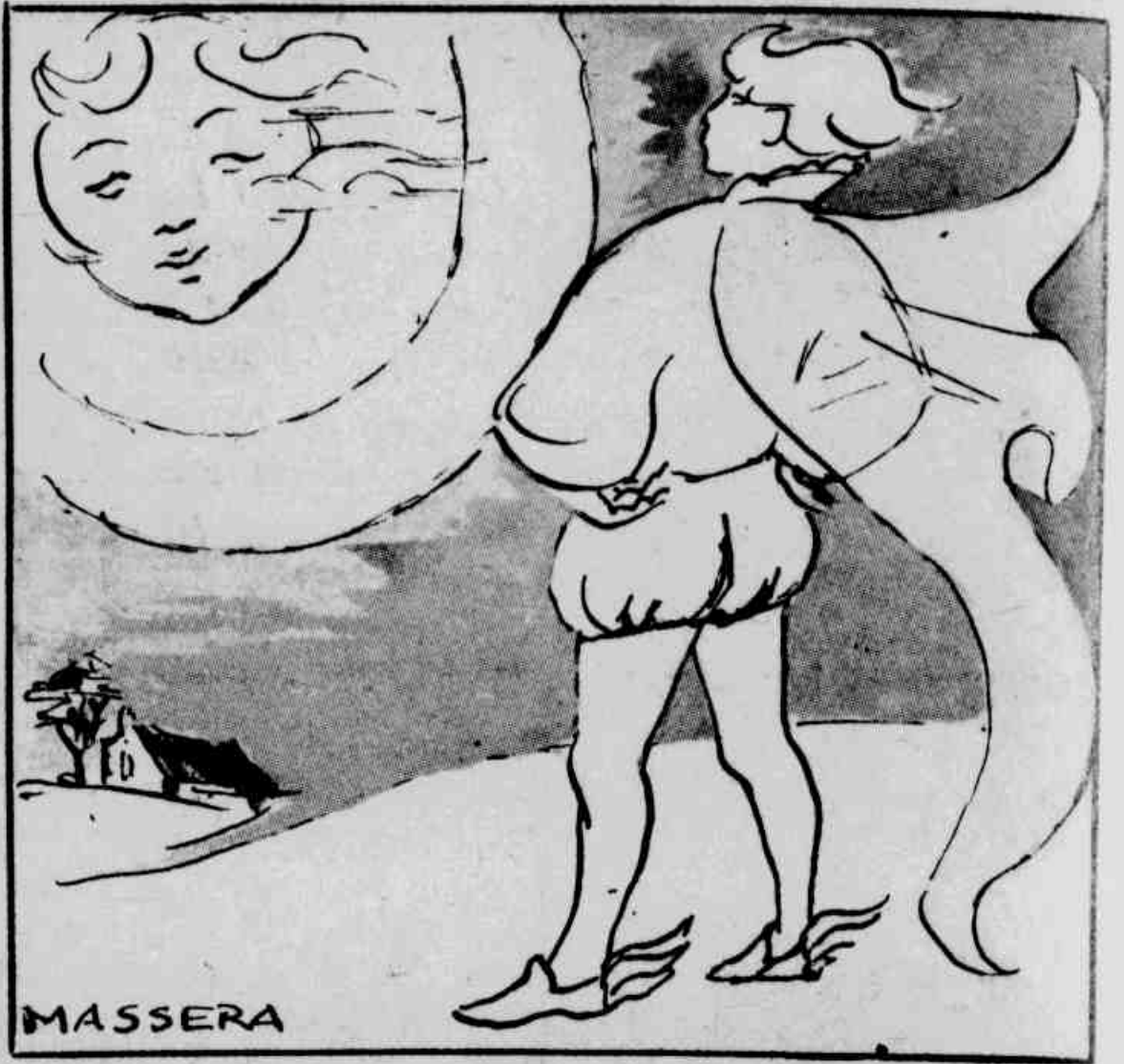
3.º) — Junte as letras em palavras, depois copie à parte, pontue e confira com a solução que publicamos no próximo número.



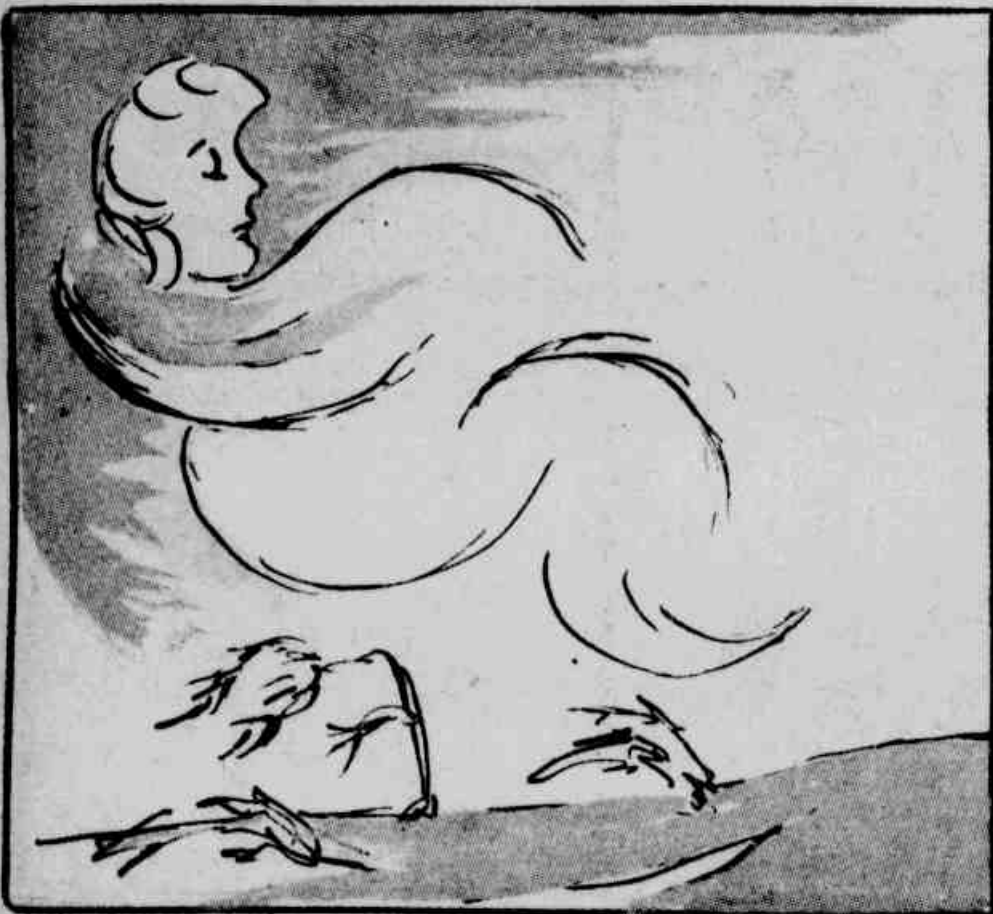
O Vento e a Lua



Provocando furações tremendos, que levavam de roldão casas e moinhos, vergavam árvores e venciam os homens, julgou-se o Vento um senhor todo-poderoso.



Irritava-o, apenas, a serenidade da Lua, que parecia zombar de sua onipotência. E então resolveu fazê-la desaparecer, soprando tôdas as noites, furiosamente, contra ela.



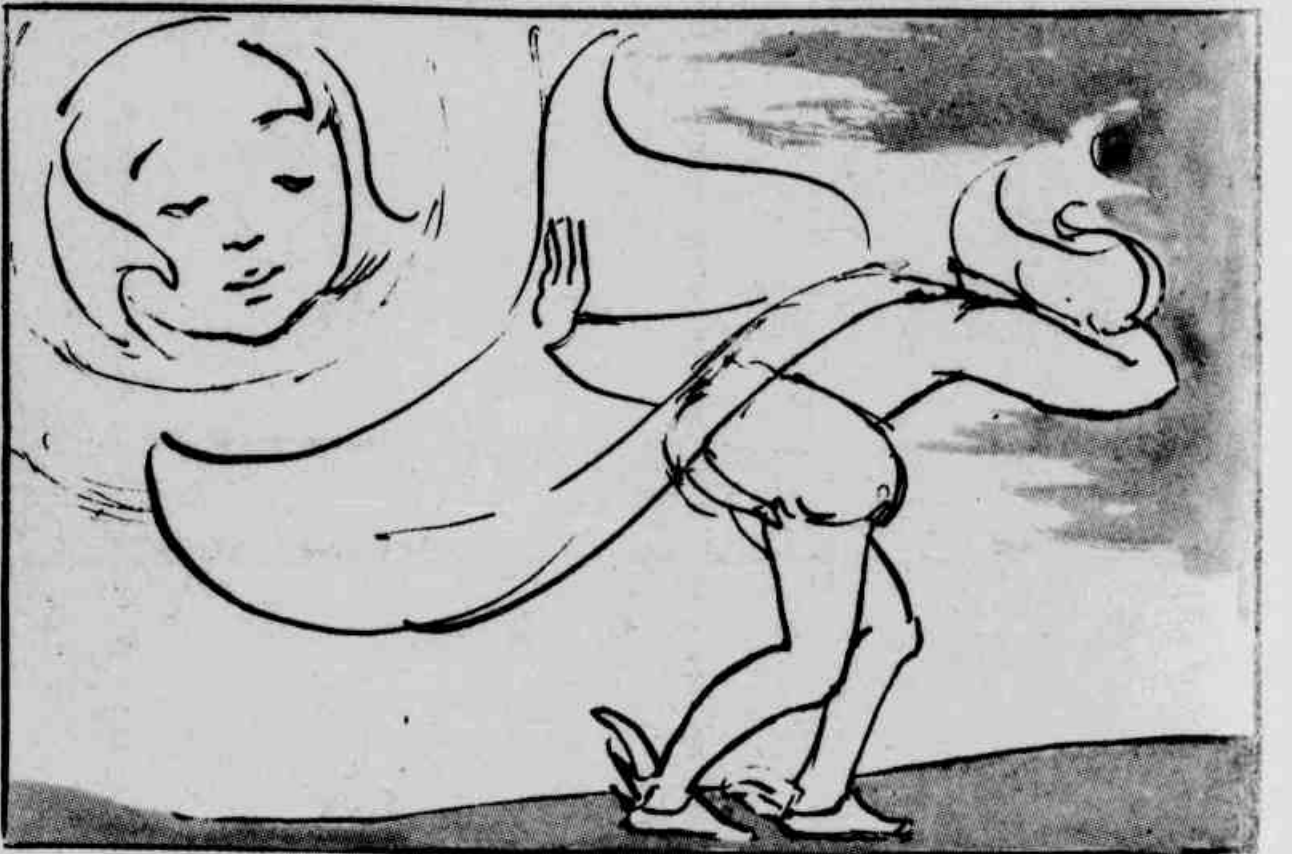
Quem duvidaria ainda de seus poderes? Ali estava mais uma prova: a Lua começava diminuindo de volume, desde que êle passou a atacá-la.



A medida que a Lua minguava, crescia o orgulho do Vento. Não cabia em si de entusiasmo. Quase estourou de vaidade quando baniu sua vítima do firmamento.



Durante sete noites de escuro houve fogos de artifício em honra do vencedor, por si mesmo proclamado Imperador do Universo. Mas, na oitava noite a Lua Nova ressurgia...



E crescendo, crescendo, chegou à Lua cheia, quando parecia rir do vento, para mostrar-lhe que, por mais poderoso, não pode tudo quanto quer um suposto mandachuva.

VELHAS ÁRVORES

Olavo Bilac

*Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores novas, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...*

*O homem, a fera, e o inseto, à sombra delas
Vivem livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amôres das aves tagarelas...*

*Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo! envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem:*

*Na glória da alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consôlo aos que padecem!*



Casimiro de Abreu

DEUS

*Eu me lembro! eu me lembro! Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramia,
E, erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca espuma para o céu sereno.
Eu disse à minha mãe nesse momento:
Que dura orquestra! Que furor insano!
Que pode haver maior que o oceano,
Ou seja mais forte do que o vento?
Minha mãe a sorrir olhou prá os céus
E respondeu: — “Um ser, que nós não vemos,
É maior do que o mar, que nós tememos,
Mais forte que o tufão! Meu filho, é — Deus”.*



**Deus ao mundo deu a guerra,
A doença, a morte, as dores,
Mas, para alegrar a terra,
Basta haver dado as flôres.**

**Umas, criadas com arte,
Outras, simples e modestas,
Há flôres por tôda a parte
Nos enterros e nas festas,**

AS FLÔRES

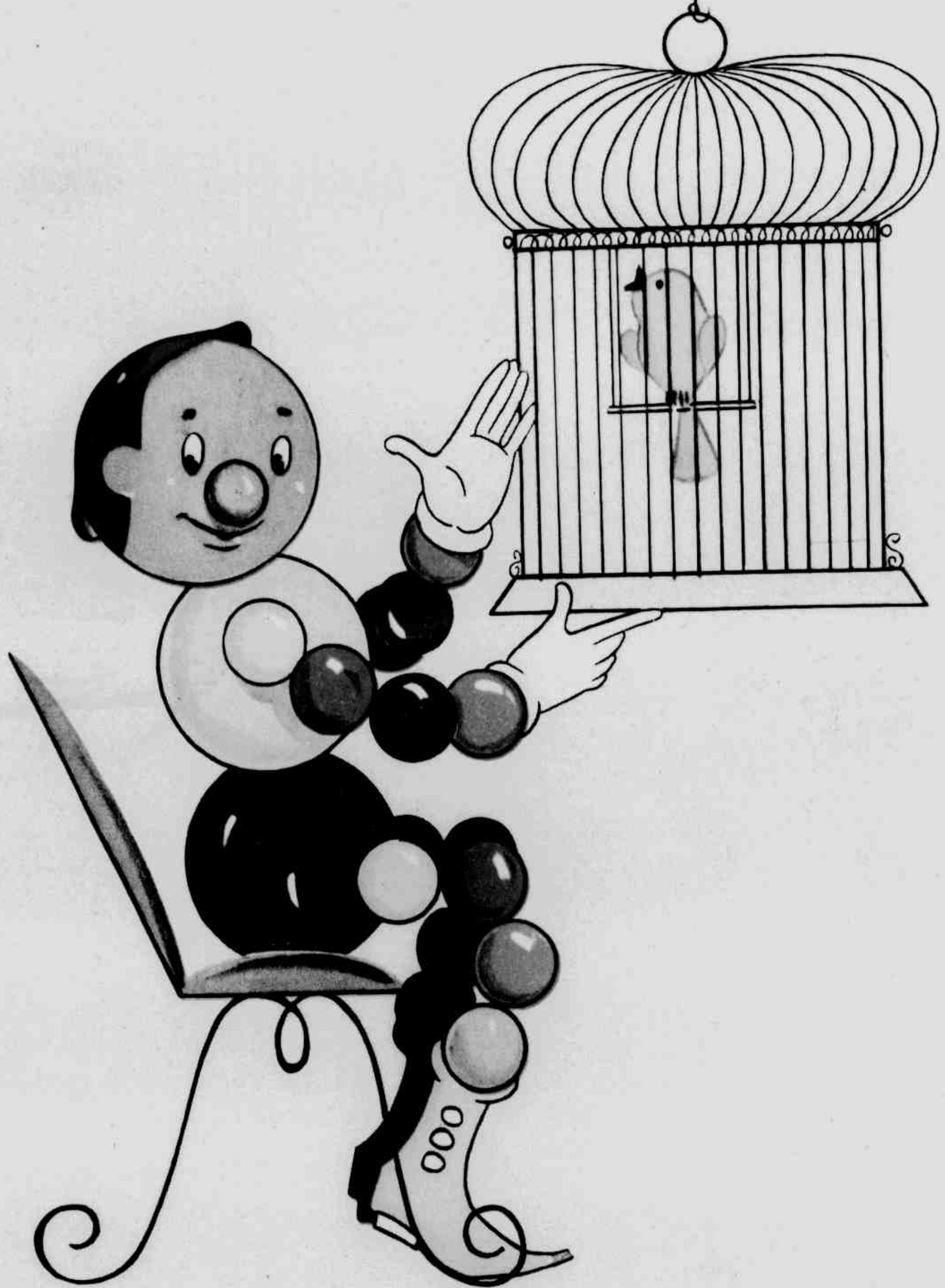
Olavo Bilac

**Nos jardins, nos cemitérios,
Nos paus e nos pomares;
Sôbre os jazigos funéreos,
Sôbre os berços e os altares.**

**Reina a flor! pois quis a sorte
Que a flor a tudo presida,
E também enfeite a morte,
Assim como enfeita a vida.**

**Amai as flôres, crianças!
Sois irmãs nos esplendores,
Porque há muitas semelhanças
Entre as crianças e as flôres.**

O BONECO JO



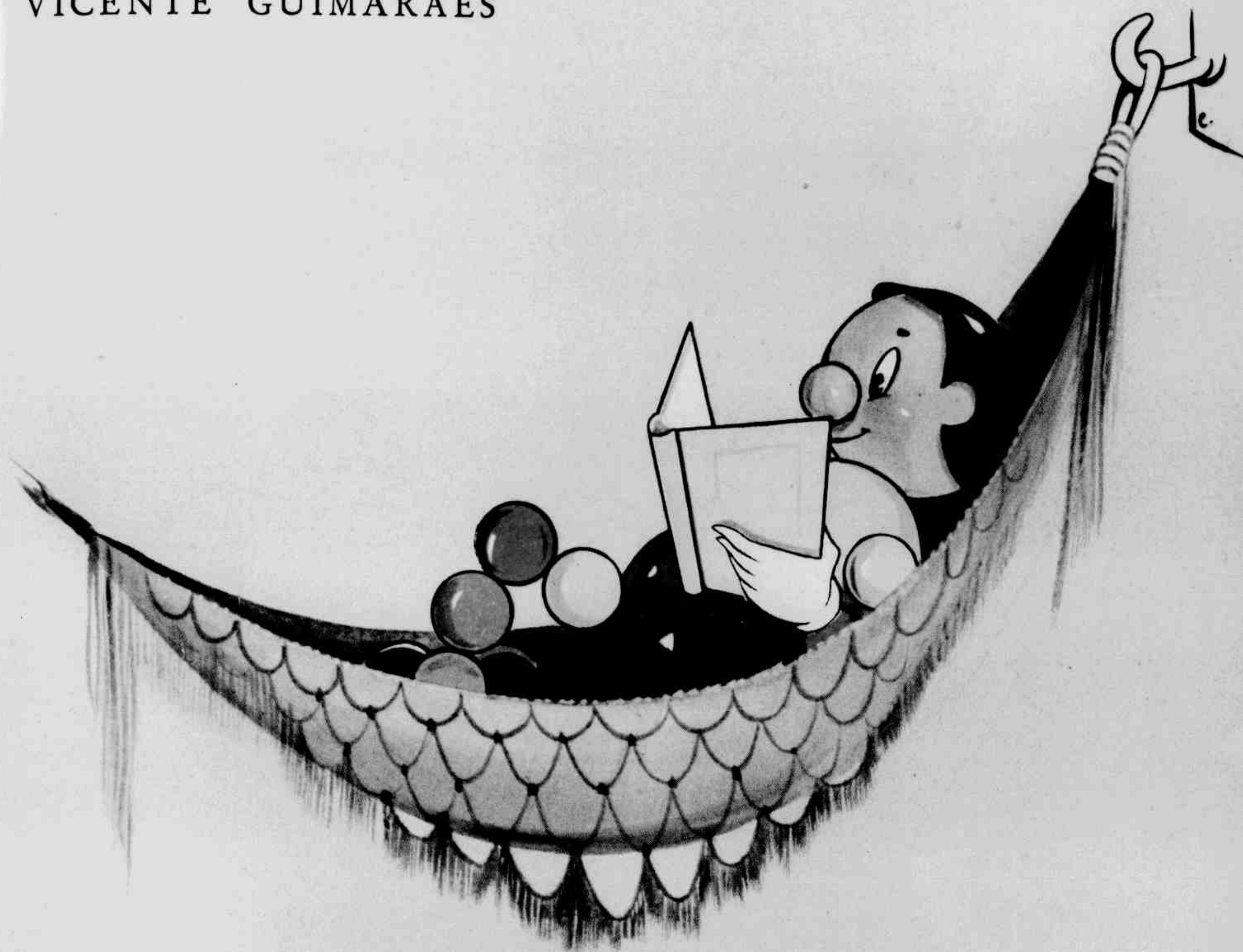
XIX

EU TENHO UM CANARINHO AMARELO.
ÊLE MORA NUMA GAIOLA DE PRATA.
MEU CANARINHO CHAMA-SE PRÍNCIPE.
ÊLE CANTA MUITO BONITO.
VOCÊ TAMBÉM TEM UM CANARINHO?

*João
Rio*

CAO BOLINHA

VICENTE GUIMARÃES



*Vicente
Guimarães*

XX

EU ESTOU DEITADO NA REDE.
ESTOU LENDO UM BOM LIVRO.
É UM LIVRO DE HISTÓRIAS.
EU GOSTO MUITO DE LER.
GOSTO TAMBÉM DE DEITAR NA REDE.

VOLTA

Rabindranath Tagore

A noite estava escura quando êle se foi embora e os outros dormiam.

Também agora está escura a noite e eu chamo:

"Volta, filhinho, o mundo está dormindo; ninguém te verá se vieres por um momento, enquanto as estrêlas cintilam umas para as outras".

Ele se foi embora pela primavera juvenil, quando as árvores se abriam em botões.

Agora as flôres estão crescidas e viçosas e eu chamo:

"Volta, filhinho, as crianças colhem e jogam flôres nos seus folguedos inocentes; e se vieres e apanhares uma pequenina flor, ninguém dará por isso".

Os que costumavam brincar estão brincando, tão descuidosa é a vida.

Eu lhes ouço a tagarelice e chamo:

"Volta, filhinho, o coração de tua mãe transborda de amor, e, se vieres depressa dar-lhe um beijo, um só, ninguém verá".

A CRUZ DA ESTRADA

Castro Alves

Caminheiro que passas pela estrada,
Seguindo pelo rumo do sertão,
Quando vires a cruz abandonada,
Deixa-a dormir em paz na solidão!

Que vale o ramo de alecrim cheiroso
que lhe atiras nos braços ao passar?
Vai espantar o bando buliçoso
Das borboletas que lá vão pousar.

É de um escravo humilde sepultura.
Foi-lhe a vida o velar de insônia atroz.
— Deixa-o dormir no leito de verdura,
Que o Senhor entre as selvas lhe compôs.

Não precisa de ti. O gaturamo
Geme por êle à tarde no sertão,
E a juriti, do taquaral no ramo,
Povoa, soluçando, a solidão.

Dentre os braços da cruz, a parasita,
Num abraço de flôres, se prendeu;
Chora orvalhos a grama que palpita;
Acende, o vagalume, o facho seu.

Quando à noite o silêncio habita as matas,
A sepultura fala a sós com Deus...
Prende-se a voz na bôca das cascatas,
E as asas de ouro aos astros lá nos céus.

Caminheiro! do escravo desgraçado
O sono agora mesmo começou!
Não lhe toques o leito de noivado,
Há pouco a liberdade o desposou.





Fale e escreva certo

VALMIRIO DE MACEDO



A GRAMÁTICA DO SESINHO

2.º ponto:

Adjetivos qualificativos

Adjetivo é a palavra variável que modifica o substantivo. Divide-se em qualificativo e determinativo. Qualificativo é o adjetivo que modifica o substantivo, ajuntando-lhe uma qualidade. Se a qualidade já é própria do substantivo, diz-se que se trata de um *qualificativo explicativo*. Ex.: Leite branco. A qualidade "branco" já é própria do substantivo "leite". No exemplo "água mole em pedra dura tanto dá até que fura", "mole e dura" são qualificativos explicativos, porque aquelas qualidades já são próprias da água e da pedra. Quando o adjetivo dá ao substantivo uma qualidade que ele pode ter ou não, recebe o nome de *qualificativo restritivo*. Ex.: Vestido branco; branco é adjetivo restritivo, pois o vestido pode ser branco, azul, etc. *Pátrio* é o adjetivo qualificativo que indica o lugar de procedência dos substantivos a que se refere. *Verbal* é o adjetivo derivado de verbo. Ex.: fervente, amado, etc.

Alguns adjetivos pátrios:

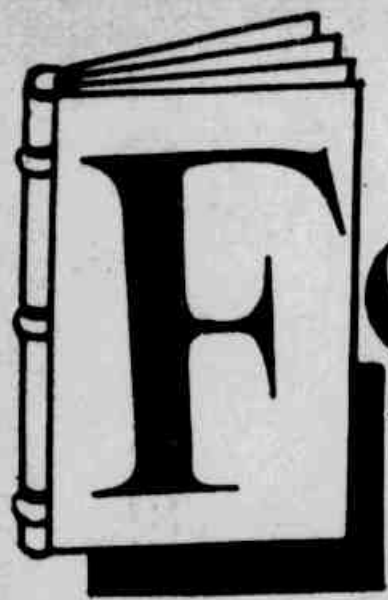
dos Estados-Unidos	norte-americano, ianque	de Grécia	grego, helênico
da Dalmácia	dálmata	da Guatemala	guatemalteco, guatemalense
da Córsega	corso		
de Constantinopla	constantinopolitano	de Guimarães	vimarense
de Coimbra	coimbrese	de Guiné	guinéu
de Catalunha	catalão	de Havana	havanês, haveno
de Cártago	cartaginês	de Jamaica	jamaicense
de Canárias	canarino	de Java	javanês, jáu
do Canadá	canadense	de Jerusalém	hierosopolitano
de Creta	cretense	de Marrocos	marroquino
de Bretanha	bretão	de Milão	milanês
de Buenos-Aires	portenho	de Montevidéu	montevideano
de Bolonha	bolonês	de Moscou	moscovita
de Bizâncio	bizantino	de Nápoles	napolitano
de Berlim	berlinense	de Nova-Iorque	nova-iorquino
de Belgrado	belgradino	do Panamá	panamenho
de Beira	beirense, beirão	da Patagônia	patagão
de Barcelona	barcelonês	da Polônia	polaco, polonês
de Balcãs	balcânico	de Pôrto-Rico	porto-riquenho
da Ásia	asiático	de Nazaré	nazareno
da Arábia	árabe	de Trípoli	tripolitano
da Finlândia	finlandês, finês	de S. Domingos	dominicano
da Galiléia	galileu	de Nicarágua	nicaraguaio
de Goa	goanês, goês	de Salvador (BAHIA)	sotepolitano

TESTE DO MÊS

Coloque nas palavras seguintes os acentos, quando houver:

Joia
 Rubrica
 Terça-feira
 Constroi
 Pegada
 Corteses
 Indevelmente
 Caracteres
 Fiscalizassemos
 Inabil

Apoio (subst.)
 Recebi
 Quinquenio
 Comodamente
 Àquele
 Datilografo (verbo)
 Papeisinhos
 Exaurível
 Hispanico
 Longinquo



Forme sua biblioteca

“O TESOURO DA MONTANHA”

VICENTE GUIMARÃES

Ilustrações de Joselito

EDITORA VOZES LTDA.

Pela Editora Vozes Ltda. acaba de ser lançado um novo livro de Vicente Guimarães, denominado “O Tesouro da Montanha”.

A história, baseada em motivos folclóricos, narra a vida de um jovem pescador que se encontra com o Saci, ouviu a gargalhada do jurutai e foi encantado pela lara.

O livro, em brochura, está bem ilustrado, em vermelho e azul, com capa em policromia e custa apenas Cr\$ 20,00.

Pode ser adquirido nas livrarias ou pedido pelo reembolso postal na Editora Vozes Ltda. ou na Redação do SESINHO.

TRÓPICO

JÓIAS DA LITERATURA INFANTIL

Tradução e adaptação de Jacob Penteadó

Nem sempre o título de uma obra diz bem o que esta representa. No caso, porém, podemos afirmar, cada volume de “Jóias da Literatura Infantil”, esta nova coleção de livros para crianças, é uma perfeita jóia. Em livros impressos no Brasil ainda não vimos nada semelhante. As gravuras são maravilhosas e toda a edição muito bem cuidada.

O primeiro volume contém três histórias: “História de Bichano e Corçabranca”, “Cinderela” e “O Pequeno Polegar”.

As histórias são bem escritas e em estilo agradável.

A coleção Trópico — Jóias da Literatura Infantil —, de Edições Messidor, já está no terceiro volume. Os outros volumes comentaremos nas próximas edições.

“EPISÓDIOS DA HISTÓRIA DO BRASIL EM VERSOS E LEGENDAS PARA CRIANÇAS”

Antônio Carlos de Oliveira Mafra

5.^a edição

Interessante trabalho, todo em versos e legendas, ressaltando os principais fatos da História do Brasil. O livro está dividido em quatro partes: O Descobrimento do Brasil, Brasil Colônia, Brasil Reino e Império e Brasil República.

FORME SUA DISCOTECA

Também pelos discos podem as crianças distrair-se e adquirir cultura. Nesta página, vamos, pois, iniciar um noticiário sobre discos infantis, assim como já o fazemos com relação aos livros.

“Os Quatro Heróis” — Adaptação de João de Barro — Música de Francisco Mignone — Discoteca Infantil — Continental.

A história, que é mais conhecida com o título de “Os Músicos de Bremen” está dividida em quatro partes, ocupando todas as faces de dois discos. A narração é muito clara, a dramatização bem feita e a música atraente e agradável.

“Cantigas Infantis” — De Vinicius de Moraes e Paulo Soledade, cantadas pelo Trio Madrigal, com orquestração de Radamés Gnattali. — Discoteca Infantil Continental.

É um disco contendo em cada face três das seguintes cantigas infantis, muito engraçadinhas e divertidas: “O Mosquito”, “O Peru”, “O Pato”, “A Cachorrinha”, “O Gato” e “A Formiga”.

“Como Nasceu Jesus” — Poema de Antônio Almeida e Mário Faccini. Partitura de Radamés Gnattali — Todamérica.

História do nascimento de Jesus narrada por Paulo Roberto e representada por diversos atores. Excelente coro entremeando a narração com encantadora música. São dois discos.

“20.000 Léguas Submarinas” — Álbum oficial do filme de Walt Disney — Tradução de Maisa Byington — Continental.

São dois discos que, em suas quatro faces, narram as aventuras de um menino e seu tio que ficaram prisioneiros em um submarino, ganharam uma foca e conseguiram escapar com vida.

A Zezé foi chegando à reunião com aquele arzinho de quem vai à casa da Vovó, isto é, de quem chega a um lugar onde sabe que é querida.

Ao fazer o F A S, porém, arregalou os olhinhos.

— Que foi, Zezé? indagou a Coruja a sorrir.

A Zezé mal se continha, pois dera com um "Boi" que ia dançar o "Bumba-meu-boi", e muitas fadinhas de outras Companhias (convidadas pela Coruja, já se vê).

— Como foi isso? perguntou a Zezé. O boi está por aqui? Quer dizer que Vocês já conhecem o "Bumba-meu-boi"! Então, nada tenho a fazer, não é assim?

— Oh não, Zezé, disseram as fadas. A Coruja

PÁGINA DAS FADAS

arranjou o "Boi" para dançar um pouquinho depois que você nos contar o Fogo de Conselho. Assim, conheceremos a história, fazendo uma boa surpresa a você.

"Ah! — suspirou a Zezé. — Vamos ver, o que é esse "Bumba-meu-boi", que as nossas queridas irmãs fadinhas tão bem compreenderam e interpretaram, tôdas radiantes nos diversos papéis de: Boi, Francisco, Mãe Catarina, Médico, Vaqueiros, Caboclos reais, Brincantes e Amo (dono do boi).

Como tôdas sabemos, o nosso folclore é muito rico: há muitas festas que ainda hoje se celebram

no meio do povo, principalmente no Interior do país. É o "Bumba-meu-boi" está entre elas. É no nordeste do Brasil que ele é mais apurado, mormente no Maranhão. A dança é complicada. Essa festa é realizada na época do S. João (mês de junho). Dias antes, os que vão dançar o "Bumba-meu-boi", vendem, nas diversas casas de família, a *língua do boi*, isto é, pedaço de papel vermelho, cujo dinheiro empregam na compra das vestimentas — tôdas muito bonitas e vistosas. No dia da festa, eles levam, então, o "Bumba-meu-boi" somente àquelas casas que compraram a *língua*, e aí dançam e cantam. A história se passa numa fazenda, em dia de festa, onde há um boi fujão que come tôda a horta dos colonos.

Pai Francisco e Mãe Catarina, sentindo-se prejudicados, combinam matar o boi Brejeiro — este o nome do boi travêso.

O Amo, senhor muito rico e dono da fazenda, chama os Vaqueiros, homens fortes e valentes, para irem buscar Pai Francisco, que havia fugido.

Os Vaqueiros voltam desanimados por que não o encontraram.

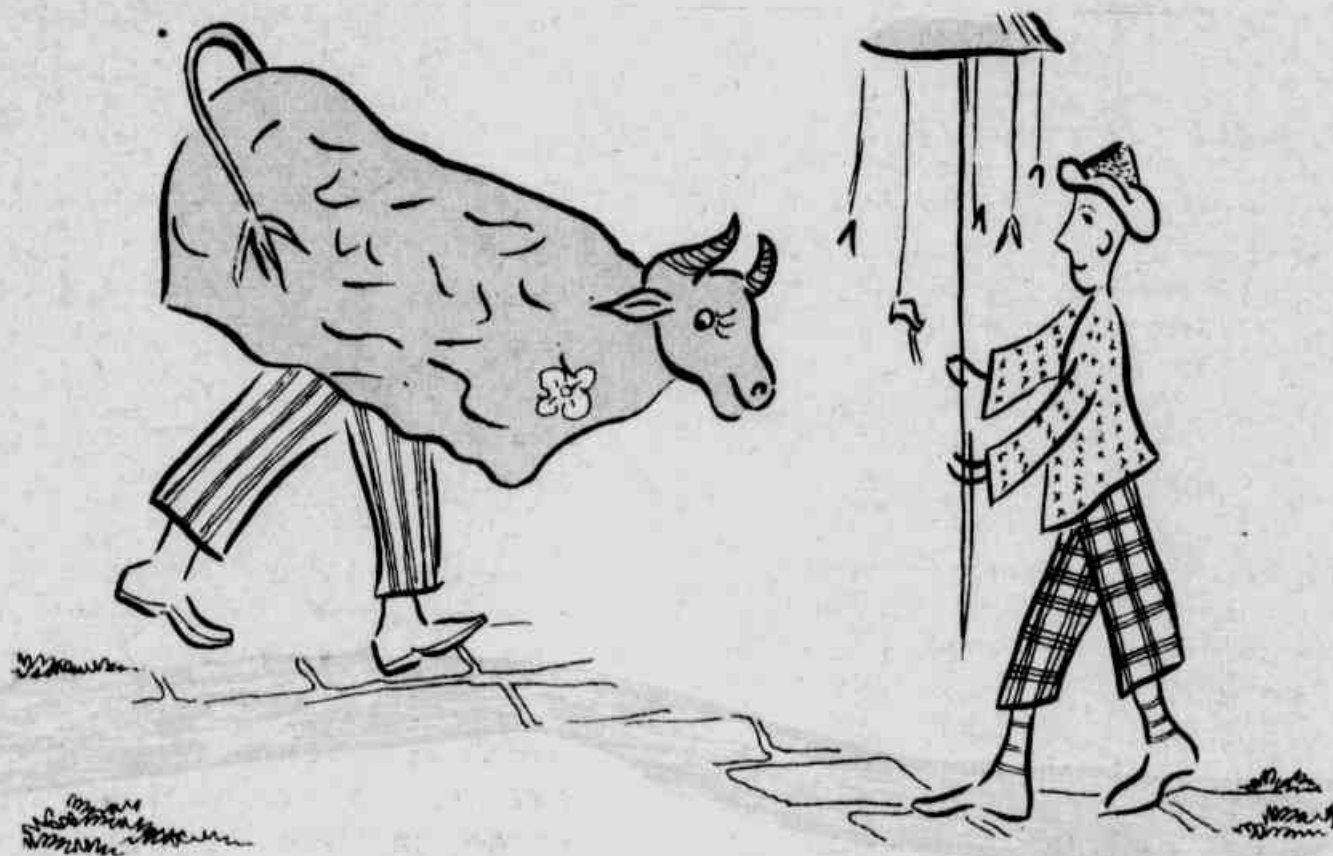
O Amo, já cansado e nervoso, chama, então os Caboclos Reais (índios meio-civilizados) para irem buscar o Pai Francisco, custe o que custar. Finalmente, Pai Francisco é prêso e levado à presença do senhor seu Amo.

Mãe Catarina pede que seu marido não seja castigado, dizendo que o boi está só ferido, e não morto.

Vem o Médico e confirma que o Brejeiro está apenas ferido. Feito o curativo, o boi urra, voltando a dançar. Todos ficam muito alegres e a festa continua com a presença de muitos convidados que se chamam Brincantes, todos com roupas muito bonitas.

Para maior surpresa da Zezé, aparecem agora todos os outros personagens, vestidos a caráter, pois a chefe Ione, que preparara as Fadinhas para representarem o "Bumba-meu-boi" no Fogo de Conselho, havia trazido tôdas as fantasias para ilustrar ao vivo a narração da Zezé.

Que ótima tarde tiveram, assim, as Fadas, podendo ver tão bem representada essa interessante dança folclórica, aprendendo a conhecer e amar cada vez mais o NOSSO QUERIDO BRASIL.



"Pai Francisco entrou na roda
Tocando seu violão
Vem de lá seu Delegado
Pai Francisco vai pra prisão"

CRÍTICA LITERÁRIA

Título: Vida de Rua
Autor: Vicente Guimarães
Edição do autor.

Em "Vida de Rua" o autor exprime o estado da juventude pobre do Brasil, que abandonada e inspirada em filmes e revistas de crimes e falsos heróis, segue uma vida extravagante perigosa perdendo assim a saúde e a alma.

Além de sua leitura distrair bastante, o livro contém um belo exemplo para a mocidade de hoje. Vicente Guimarães soube, desta forma, nos ensinar além de proporcionar-nos uma leitura atraente e interessante que causa momentos de alegrias a grandes e pequenos.

Se há parte má no livro nada terei a comentar, pois, com minha pouca experiência não me foi possível encontrar dentro das úteis páginas de "Vida de Rua" uma só falha, o que me dá direito a acrescentar que este romance juvenil de Vicente Guimarães é, sem dúvida, completo.

Aproveito o ensejo para cumprimentar o diretor de "Sesinho" que, com a edição de "Vida de Rua", nos honrou magnificamente e alcançou mais um louro para sua coroa, tão bela quanto seus trabalhos.

Que ele continue até o fim da sua realização abençoado por Deus e que este o dê longos anos de vida e saúde para que nossa pátria não sinta falta, pois ela tanto precisa dêle.

Autor: Elmer Barreira Ponte
Idade: 13 anos
Enderêço: FORTALEZA — CEARÁ

Título: Viagem Através do Brasil.
Volume 5
Autor: Ariosto Espinheira
Editôra: Edições Melhoramentos

O volume da série "Viagem Através do Brasil", descrevendo nitidamente a Geografia e parte da história do Rio Grande do Sul, é um verdadeiro desfile das grandezas dos Pampas. A obra não deve ser esquecida pelos geógrafos daquele Estado, como também de todo o Brasil, pois apresenta uma descrição exata da Geografia Física, principais municípios, campanhas, recursos econômicos, costumes e tradições do Estado. O autor salienta algumas lendas regionais à medida que descreve cada lugar ou município.

Acho, porém, que Espinheira esqueceu-se do lado atrativo e pitoresco do livro. À medida que o lia, tornava-se antipático e sua leitura não me agradava. Atribuo a isso a falta de matéria pitoresca (no sentido de interessante, atrativa), que, como já disse, quase não havia no volume. As lendas contadas no livro distraíam, dando novamente ao leitor o gosto perdido. Lenda da Gruta do Taimbé, da Gruta Fatal, do curupira, do boi-tatá e outras constituíam uma atração, mas não completavam o lado divertido da história.

O autor poderia em alguns capítulos afastar-se do ritmo seguido, contando uma pilhéria regional ou mesmo um caso divertido havido no Estado, e que pudesse chamar atenção. Assim fazendo, estaria beneficiando a obra, como também despertando mais interesse do leitor por ela.

Apesar disso, nós brasileiros, devemos agradecer o precioso documentário feito por Ariosto Espinhei-

Hoje, damos aqui mais três críticas literárias. Esperamos que os nossos leitores colaborem nesta página, enviando-nos os seus trabalhos para publicação.

ra em benefício da difusão da geografia da nossa pátria que a ela só benefício traz.

A coleção "Viagem Através do Brasil" deve ser lida pelos professores de Geografia, pois ela muito os auxiliará na árdua tarefa que desempenham.

Autor: Tales C. de Andrade
Idade: 13 anos
Enderêço: FORTALEZA — CEARÁ

Título: Itai, o menino das Selvas
Autor: Teles C. de Andrade
Editôra: Companhia Melhoramentos de São e Companhia Editôra Nacional.

Itai, o menino das Selvas, é um livro muito interessante, engraçado, porque o índiozinho arranja muitas coisas diferentes dos outros companheiros. Ele é amigo dos animais, dos pássaros etc. Os capítulos mais interessantes são: "Sòzinho a matutar", e "Antas e Cobras" sendo este mais engraçado ainda.

Ele pensa assim:

"Se as antes voassem precisavam de árvores inteiras. E se uma caísse no chão, achataria quem ou o que estivesse por baixo!

E outros pensamentos ele tinha, como de fazer uma oca (casa de índio) no alto do Jequitibá grande, no caraguatazal. Eu achei este livro lindo, como também o acharam as pessoas de minha classe que o leram.

Autor: Irene Kantor
Idade: 10 anos
Enderêço: SÃO PAULO — ESTADO DE SÃO PAULO

DICIONÁRIO

ilustrada

T

T

Décima-nona letra do alfabeto.

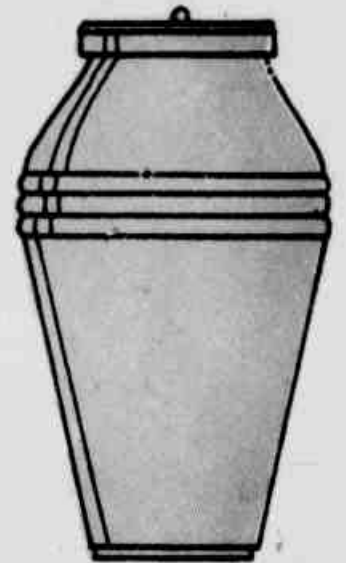
T

S. M. Consoante lingüodental explosiva, surda.

T t

TALHA

S. F. Vaso de barro com grande bôjo.

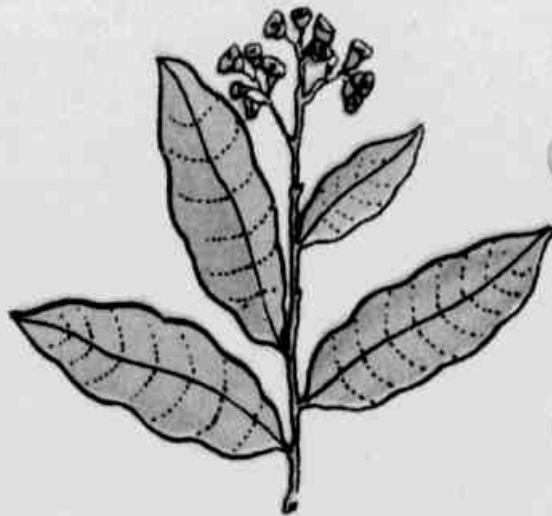


Costuma-se colocar água potável nas **talhas**.

TABACO

S. M. Gênero de plantas solanáceas.

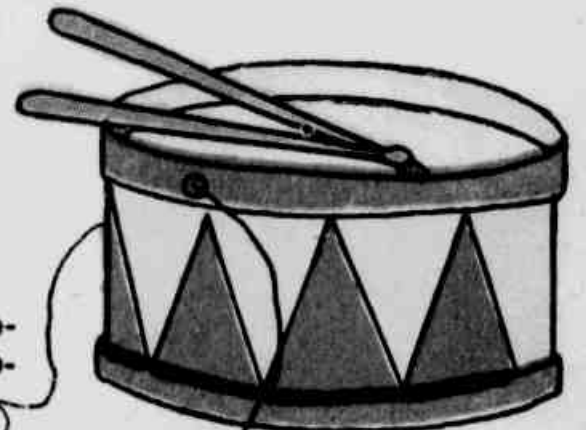
As folhas do **tabaco**, que comumente chamamos de fumo, depois de preparadas, servem para fumar, cheirar ou mastigar.



TAMBOR

S. M. Caixa cilíndrica, com as bases de pele tensa, numa das quais se toca com baquetas.

Carlinhos recebeu de presente um **tambor** muito bonito.



TABULEIRO

S. M. Peça de madeira com rebordos; bandeja grande.

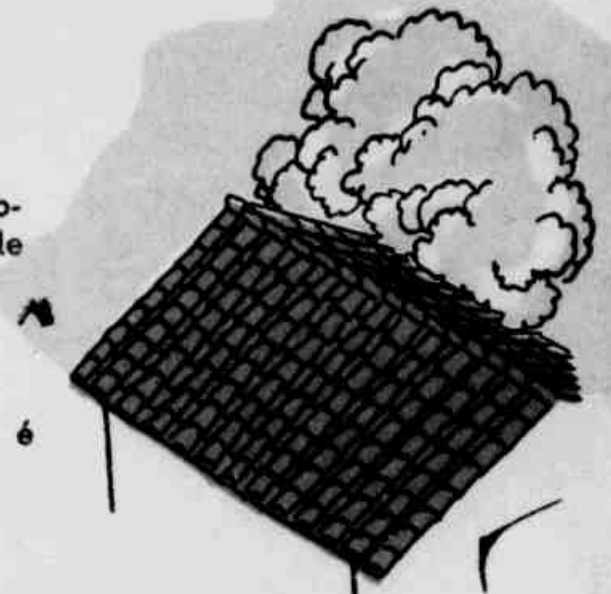
A baiana tem muitos doces gostosos no seu **tabuleiro**.



TELHADO

S. M. Parte externa da cobertura de um edifício, de uma casa, etc.

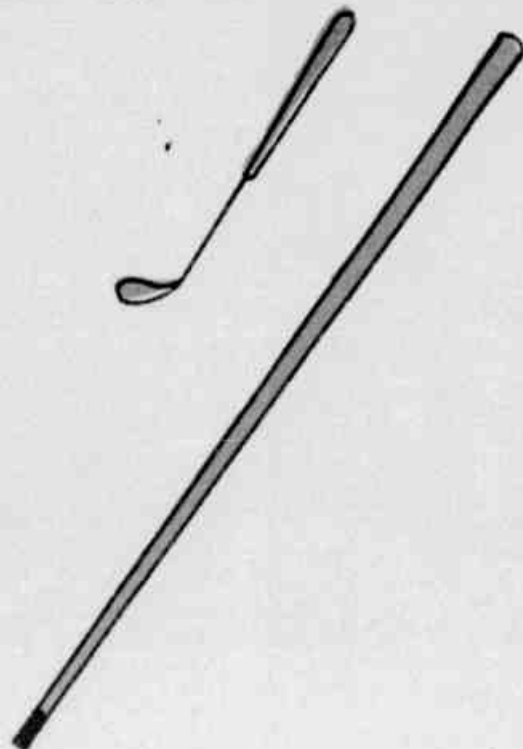
O **telhado**, geralmente é constituído de telhas.



TACO

S. M. Pau roliço e comprido com que se impelem as bolas de bilhar.

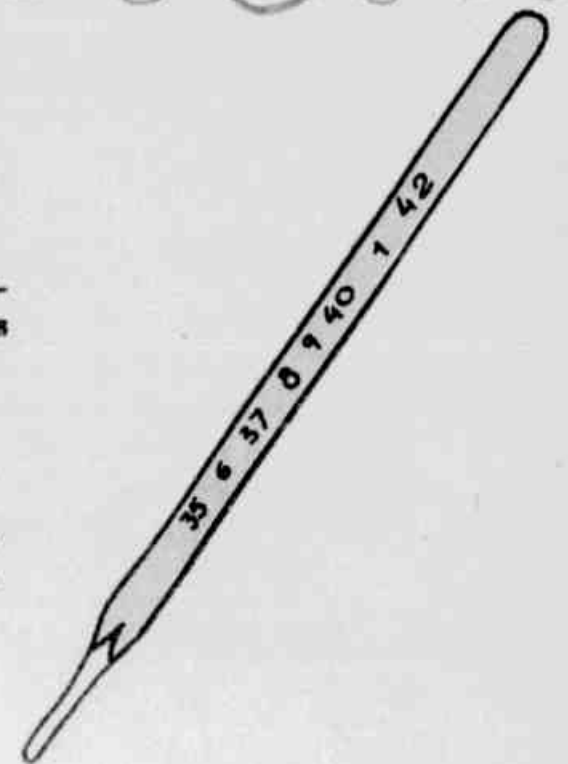
Também o pau com que se toca a bola nos jogos de gôlf, pólo e hóquei, chama-se **taco**.



TERMÔMETRO

S. M. Instrumento destinado a medir a temperatura dos corpos.

O líquido que vemos dentro dos **termômetros** é mercúrio.



Champanhota

UM GATO BEM

Por Jorelito





A BONDADÉ
NATALINA DE CHAMP...
INVADE O SEU
CORAÇÃO...



TOME ESTAS
DUZENTAS
"PRATAS"!

O SR. É
"UM AMOR"!

HUM...



JAMAIS PRATIQUEI
O MAL... SOU UM
ANJINHO DE BONDADÉ!

ESTA SE
VENDO...

POIS
SIM!

Joubert
Rio



TOME MAIS DUZENTAS
"PRATAS"! ESTOU COMO-
VIDO!

MUITO
"MEREI"



QUER DIZER QUE O SR.
É PERFEITO? NÃO TEM
UM SÓ DEFEITO?

COMO SOU
HONESTO, CON-
FESSO QUE TE-
NHO UM...



VIU, PORQUITA LINDA?
ÉLE TEM UM DEFEITO
E CONFESSA...

HUM-HUMMM...
"UNZINHO"
SÓ!



ENTÃO, DIGA-O
A ESSA INCRÉDU-
LA "SENHORA"...

POIS
NÃO...

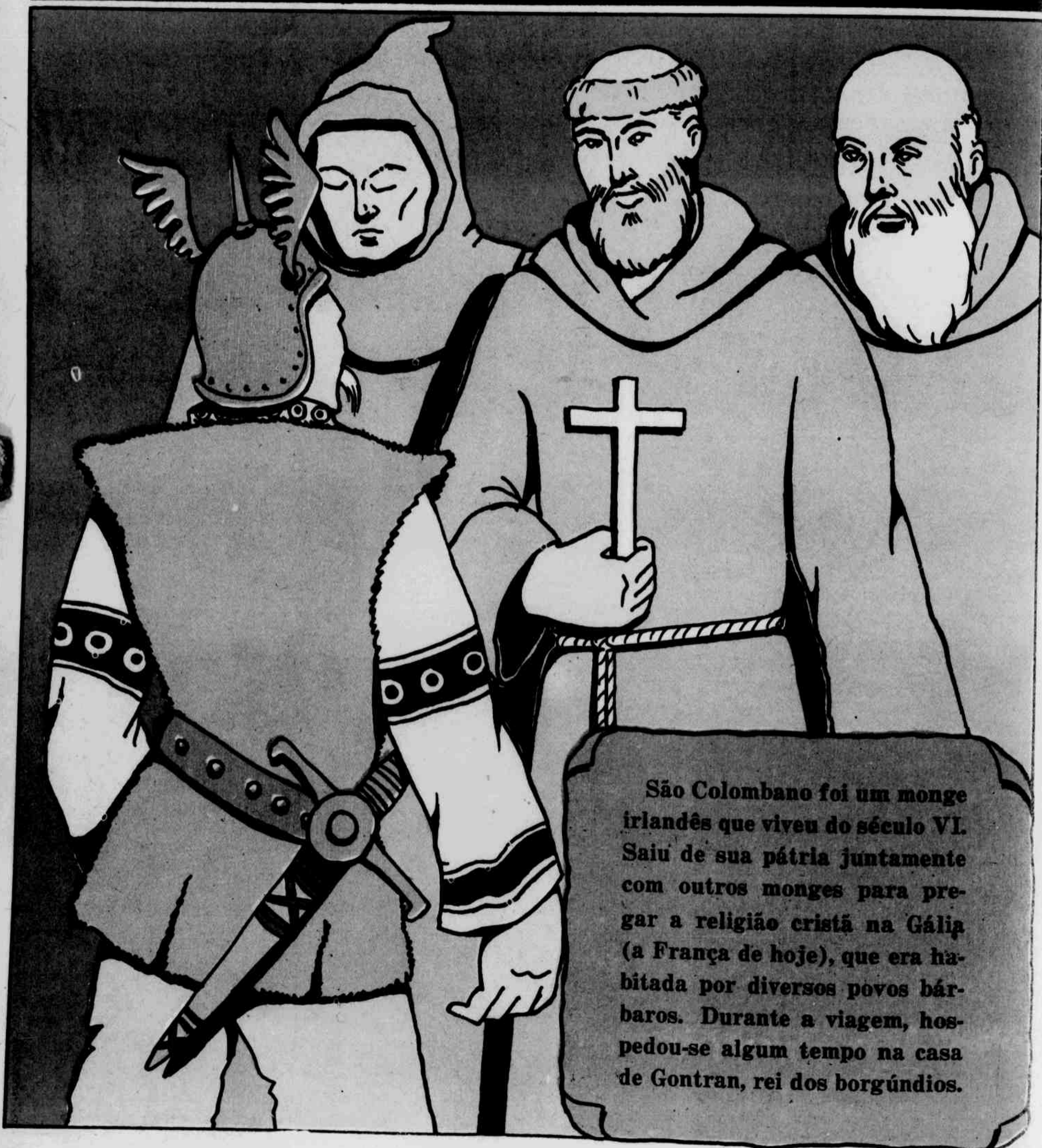
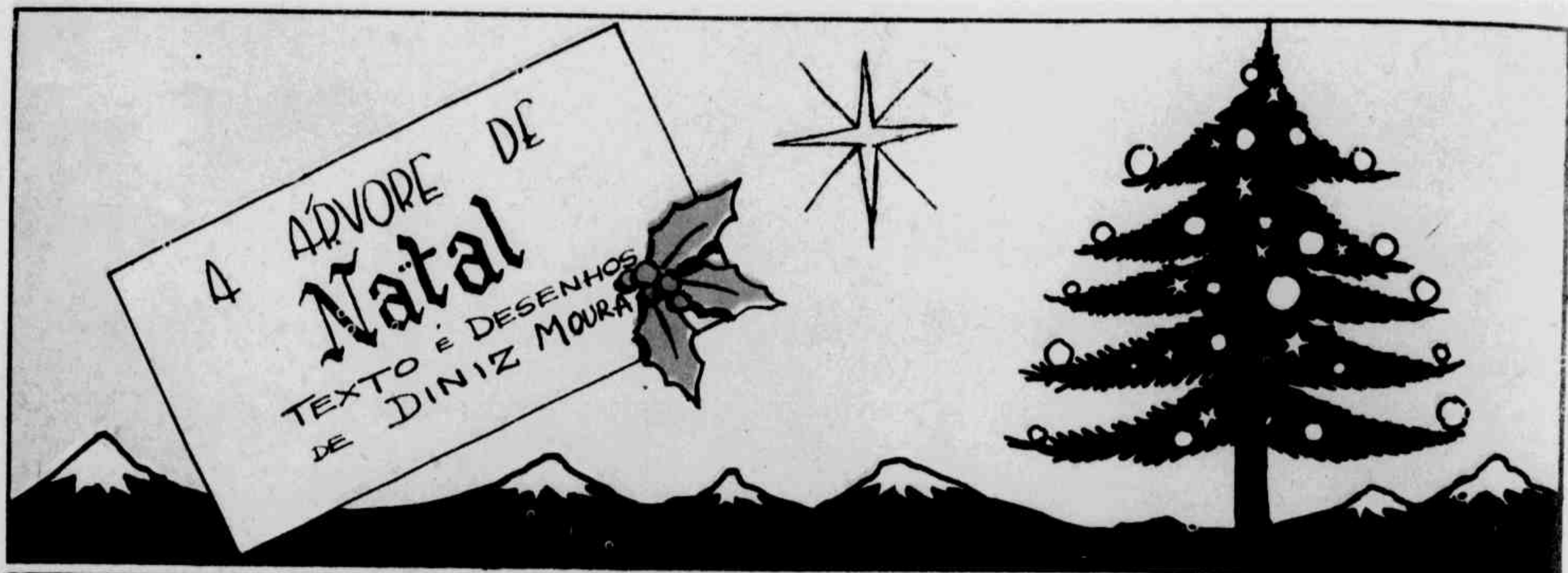


MEU ÚNICO DEFEI-
TO É SER MENTI-
ROSO...

"ADOREI!"

PIOP

LENDAS DE TODO O MUNDO (IX)



Quando chegou a véspera de Natal, reuniu os outros monges e se dirigiu a um monte próximo, onde havia um pinheiro que era adorado como sagrado por aquele povo. Colocou na árvore lanternas em forma de cruz.

Os habitantes da região, vendo o pinheiro iluminado no escuro, acorreram curiosos para saber o que estava acontecendo.

Juntou-se enorme multidão em torno do pinheiro, e, então, São Colombano começou a pregar com grande fé um sermão sobre o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, com o que converteu toda aquela gente.

Desde então, tornou-se tradição, principalmente nos países europeus, armar-se uma árvore cheia de lâmpadas e enfeites para comemorar o Natal. De lá o costume propagou-se pela América do Norte e Canadá, e mais recentemente, pelos outros países deste hemisfério.

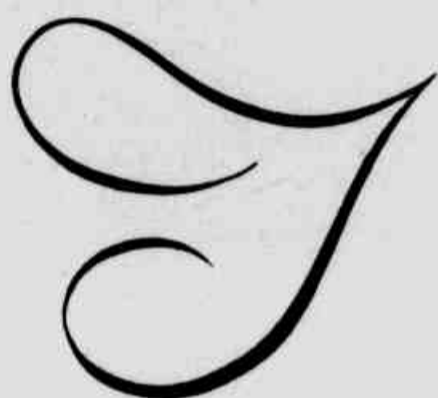


DINIZ, VIII
57 MOURA

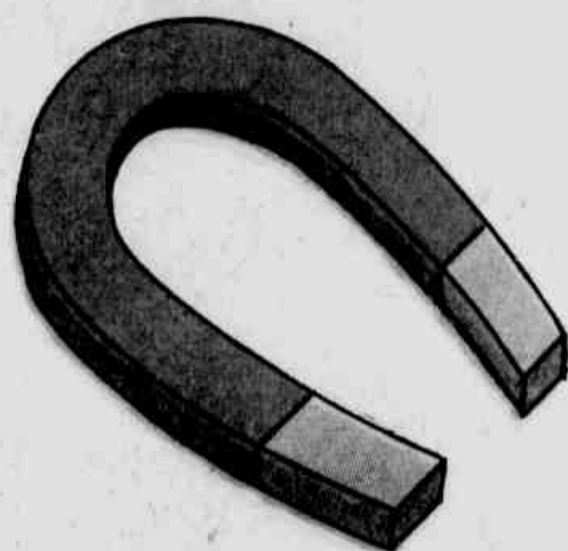
ABECEDARIO *ilustrado*

I

i

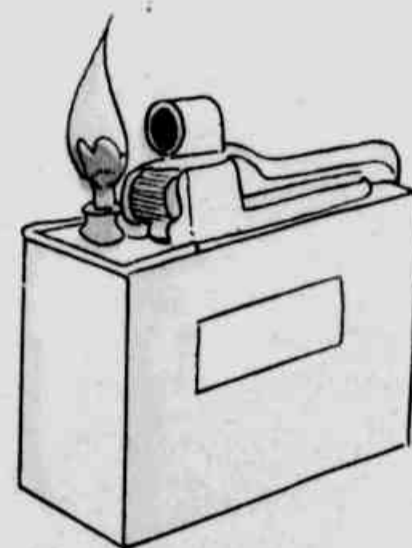


i



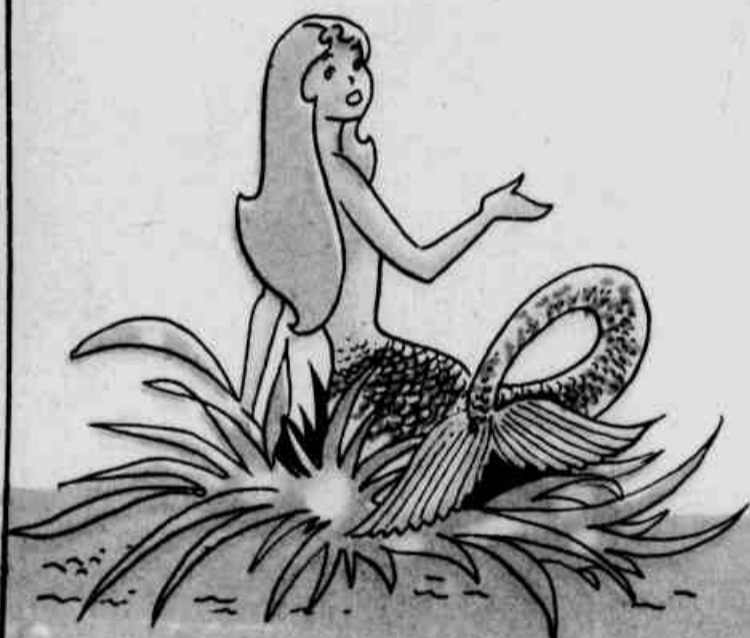
ÍMÃ

Ímã



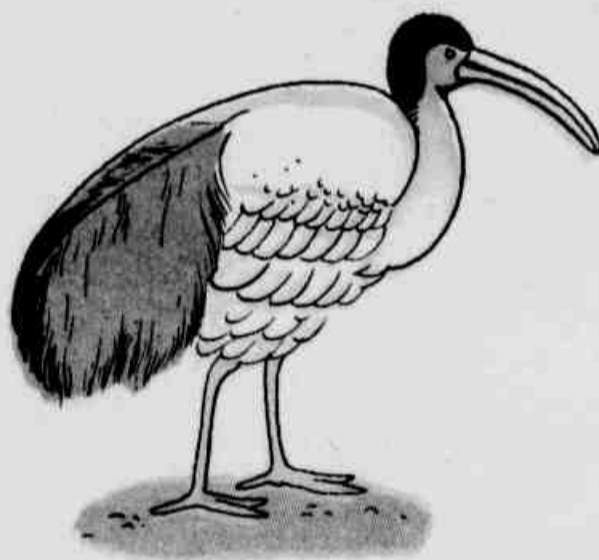
ISQUEIRO

Isqueiro



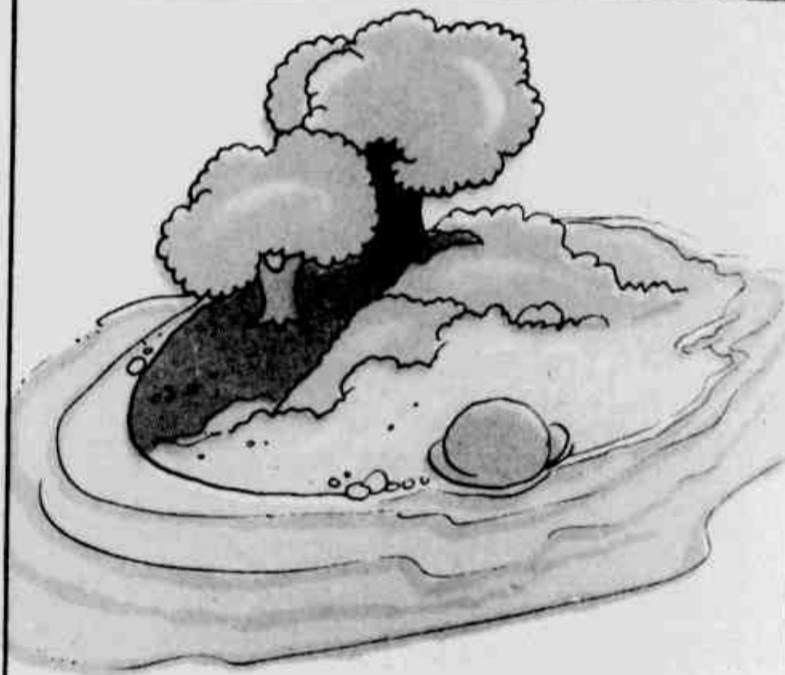
IARA

Iara



ÍBIS

Íbis



ILHA

Ilha



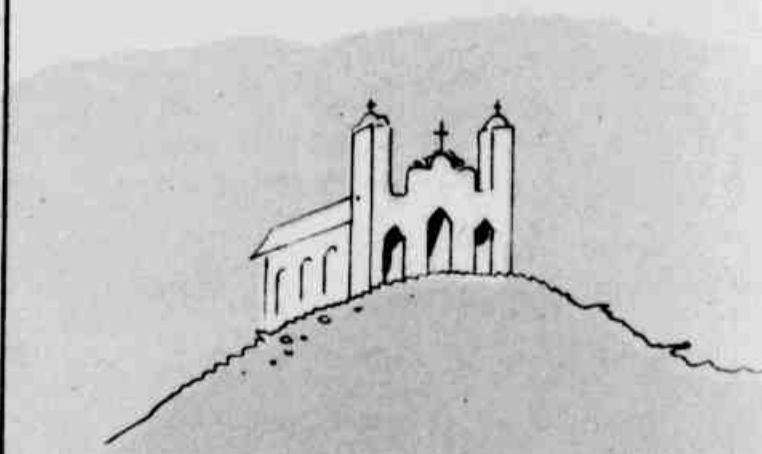
IMAGEM

Imagem



ÍNDIO

Índio



IGREJA

Igreja

CRUZ DE MALTA

(*Jussiaea Laruotteana*)

Denominada, em algumas regiões, "Flor de Santa Cruz", a Cruz de Malta é um arbusto ramificado, muito comum margeando rios, lagos e regatos de todo o Brasil (chama-se "rivícola" ou "ribeirinha" a essa espécie de vegetal).

Cresce até 2 metros e meia; seu caule é cilíndrico, fibroso, escuro, ereto e piloso.

As folhas são alternas, simples, inteiras, de formato oblongo ou oblongo-lanceolado, de pecíolo curto. Medem de 5 a 10 cm de comprimento e 2 a 3 de largura. Têm nervuras salientes, ápice agudo, base obtusa e coloração verde-clara.

As flôres são solitárias, axilares, pedunculadas, grandes e vistosas; o pedúnculo (suporte da flor) é robusto e mede de 2 a 4 cm de comprimento; o tubo do cálice é prismático, com 4 lóbulos (pontas) ovais persistentes, agudos, pilosos, medindo de 2 a 12 mm de comprimento. A corola é formada de 4 pétalas obovadas, amarelas, com fortes "veias", dotadas de "ungüícola" (pequena unha), caducas (que logo murcham e caem) e dispostas em cruz (razão de ser dos nomes vulgares).

O fruto é uma cápsula siliqüiforme, tetragonal, obpiramidal, pilosa, que mede de 1,5 a 2,5 cm de comprimento. As sementes são minúsculas e numerosíssimas.

A Cruz de Malta pertence à família das "Crucíferas".





O CARRINHO DE BONECA

VICENTE GUIMARÃES

Eloísa estava radiante. Sua mãe fizera lhe uma boneca de pano, vestida de chita. Os olhos eram verdes, a boca vermelhinha e os cabelos negros, de pastinha na testa e trança caída.

Pobre e feia, não importava. Para Eloísa a sua primeira boneca era uma filhinha e ela achava-a um encanto: linda moreninha de olhos verdes! Deu-lhe o nome de Ritinha.

A menina, com apenas sete anos, ajudava a mãe no que podia. Enquanto esta, que era lavadeira, cuidava da roupa dos fregueses, Eloísa arrumava a casa. Era um gôsto vê-la de vassoura na mão, cantando sempre e muito alegrinha.

Agora, tinha pressa de terminar o seu serviço para dedicar maior tempo à filhinha querida.

Pediu à mãe que cortasse mais um vestidinho

para Ritinha e lhe ensinasse a costurá-lo. No dia seguinte, pôde sua filhinha usar um vestido novo, enfeitado de renda.

Também, na entrega da roupa à freguesia, Eloísa ajudava a lavadeira. Um dia, no mês de dezembro, quando as vitrinas das lojas enchem-se de brinquedos e presentes, a menina, em companhia da mãe, de volta da casa de um freguês, deu com os olhos numa exposição de carrinhos de boneca.

— Veja, Mamãe, que lindos! Compre um destes para a Ritinha. Compre aquêlê grande, enfeitado de filó ou aquêlê outro com um laço de fita azul.

— Não posso, minha filha. Custam muito caro.

— Então compre aquêlê de madeira. Deve ser mais barato.

— E' melhor, Eloísa, você pedir um carrinho de

madeira a Papai Noel. Já está chegando a véspera de Natal.

— E' mesmo, Mamãe! Eu vou pedir. Papai Noel é tão bom!

E a menina, daquele momento em diante, não pensou em outra coisa. Quando chegou a casa contou à Ritinha que ia pedir a Papai Noel um carrinho para ela. Ficou muito tempo conversando com a boneca, imaginando os passeios que, juntas, iam dar: ela empurrando o carrinho com a filha dentro, de vestidinho novo.

Na véspera de Natal, Eloísa ditou à mãe a carta que desejava mandar a Papai Noel:

"Querido Papai Noel.

Este ano o presente que eu quero é para Ritinha. Quero um carrinho para passear com ela. Eu vi um muito bonito, de ferro, enfeitado de filó, e outro com laço de fita azul. Mas se não puder ser nenhum destes, não faz mal não. Eu aceito mesmo um de madeira.

Um abraço e um beijo da Eloísa".

A menina pôs a carta no envelope e pediu a mãe que a fizesse chegar a Papai Noel.

À noite, colocou o sapatinho detrás da porta e foi deitar-se com a boneca e com ela conversou:

— Amanhã, querida, você não vai mais dormir na minha cama. Papai Noel vai trazer um carrinho para você e ele será também o seu novo leito.

Abraçada com a filhinha, a menina adormeceu, ansiosa que a noite passasse.

No dia seguinte, acordou cedo e correu para o sapatinho. Lá estava o presente desejado. Que felicidade!

Com a ajuda de sua mãe, a menina preparou o carrinho de madeira: forrou-o com retalhos de várias cores, fofou tudo bem e ali deitou a boneca. O mau tempo, porém, não a deixou passear na calçada com a filhinha querida deitada no carrinho novo.

A chuva veio de repente e começou com pingos grossos. Sua mãe teve que sair correndo para apanhar a roupa que estava secando, no varal. Deixou o ferro quente e saiu para o terreiro. Foi a conta de apanhar um resfriado. Pouco tempo depois estava febril e tremendo de frio. Tôda a noite passou tossindo, enrolada no cobertor ralo.

No dia seguinte, a menina foi buscar um médico para ver sua mãe.

Depois de examinar a doente, o doutor receitou alguns preparados e recomendou repouso. A tosse precisava ser evitada o mais possível. Qualquer exercício poderia provocá-la. Os acessos deveriam ser cortados logo.

Assim que o médico se retirou, a menina pediu a receita para ir buscar os remédios. Sua mãe lhe respondeu:

— Hoje, não, minha filha. Estou sem dinheiro e não posso sair da cama.

— Mas a senhora precisa tomar os remédios, Mamãe!

— Sim. Hoje, porém, tomarei ainda os meus chazinhos. Amanhã, quando estiver melhor e mais forte, irei aos fregueses receber algum dinheiro e,

então, comprarei tudo.

A menina ainda quis insistir, dizendo que ela mesma iria receber dos fregueses, mas a chuva cortou o seu argumento. Começou a cair de novo e cada vez mais forte.

Eloísa, orientada pela mãe, quebrou um tamborete velho e acendeu o fogo para fazer um chazinho bem quente, pois não havia um só pau de lenha em casa. A doente adormeceu e a menina foi deitar-se também.

Alta noite, a pequena acordou com a tosse e os gemidos da lavadeira. A chuva continuava.

— Eloísa, traga-me um pouco de chá para acalmar a minha tosse. Chá bemquentinho.

Por tôda a casa a menina procurou um pedaço de pau, um caixote ou qualquer coisa de madeira e só encontrou o carrinho da boneca.

— Não! Não posso queimá-lo. E' novo e tão bonitinho! E depois não é meu, é da Ritinha!... — monologava Eloísa.

— Depressa, minha filha. O chá. Preciso fazer passar esta tosse. Já não agüento mais. A febre e a tosse me consomem.

Eloísa não teve mais dúvida: resoluta, retirou Ritinha do carro de madeira, deitou-a na cama, conversando baixinho:

— Você me empreste o seu carrinho. Depois Papai Noel trará outro. Você gosta mais é mesmo da minha cama! Eu sei!... E' maisquentinha. Fique aí enquanto vou preparar o chá para a sua vovó.

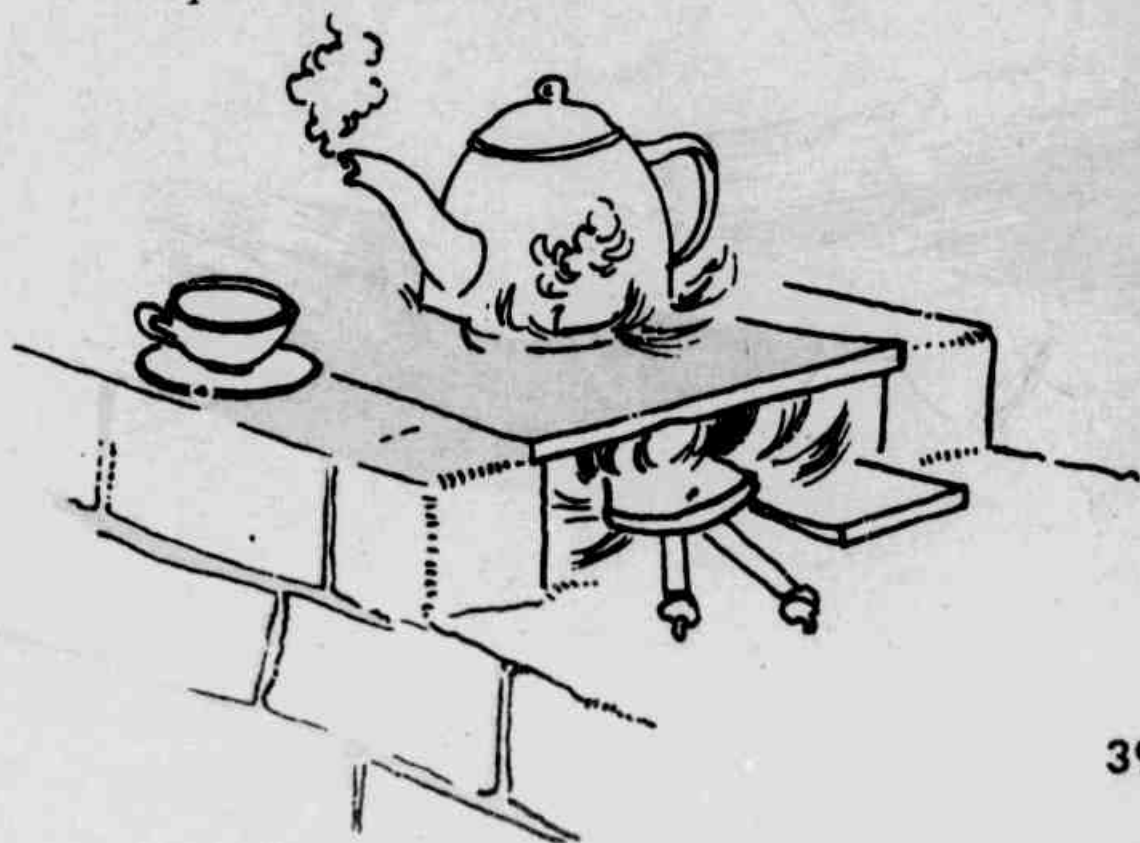
A tosse da doente abafou os estalidos ocasionados pela quebra do carrinho. Em pouco tempo havia labaredas fortes no fogão.

Eloísa enxugou mais uma lágrima que teimava em descer por sua face e foi levar o cháquentinho à sua mãe.

A tosse passou e a doente pôde dormir de novo. A menina também, abraçadinha com sua boneca, dormiu, até que um raio de sol a viesse acordar de manhã. A lavadeira, cada vez mais fraca, não podia levantar-se. A menina, então, sòzinha, foi aos fregueses buscar o dinheiro e comprou os remédios nece sários.

Quando sua mãe sarou e soube da bela ação praticada pela filha, contou-a a uma freguesa rica e esta, como prêmio à menina, ofereceu-lhe um carrinho de ferro, enfeitado de filó, bem novinho ainda, com o qual sua filha já não brincava mais.

Eloísa ficou radiante e hoje, contente, passeia pela calçada levando Ritinha no bonito carrinho com que tanto sonhara.



BIBICO

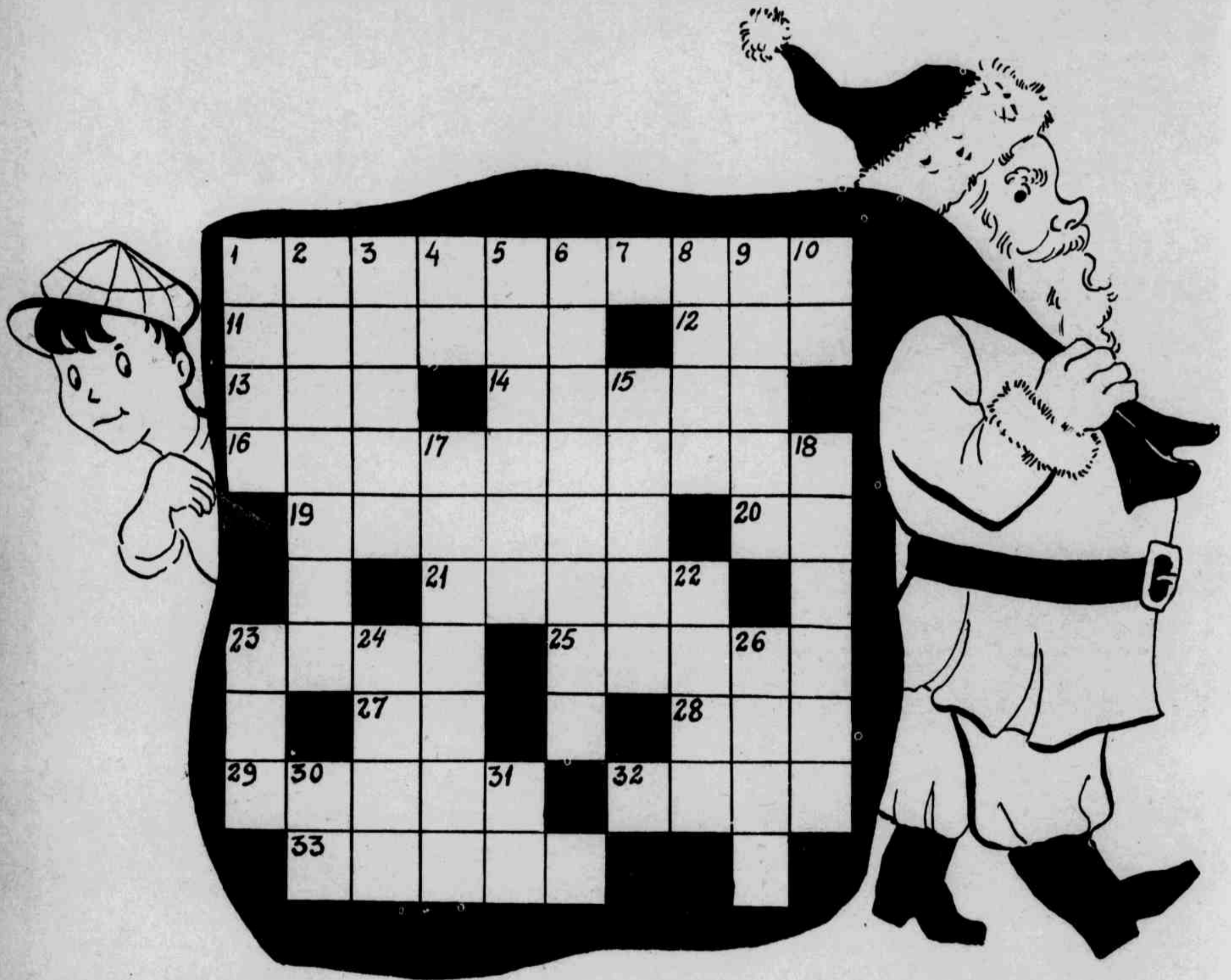


por
PAULO
ROBERTO.





Parque de diversões



PALAVRAS CRUZADAS No. 118

HORIZONTALAIS:

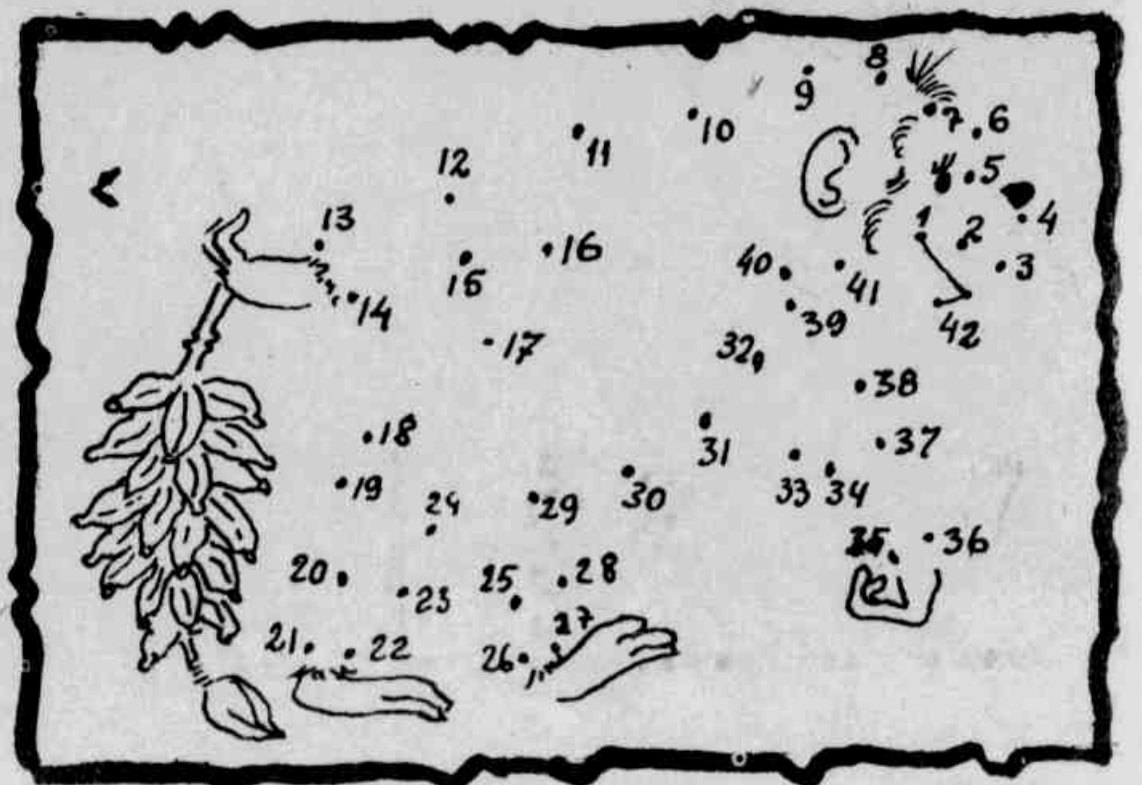
1 - De cor morena (fem. plural); 11 - Trigueiro; 12 - Vestimenta de irmandade religiosa; 13 - Nome de mulher; 14 - Relativo às ovelhas; 16 - Qualidade de quem rivaliza; 19 - Cheia de dor; 20 - Aviador notável; 21 - Passada no coador; 23 - Engodo para peixe; 25 - Do verbo dar; 27 - Preposição latina; 28 - Do verbo sair; 29 - caminhar; 32 - Ave doméstica; 33 - Lugar de vegetação no deserto.

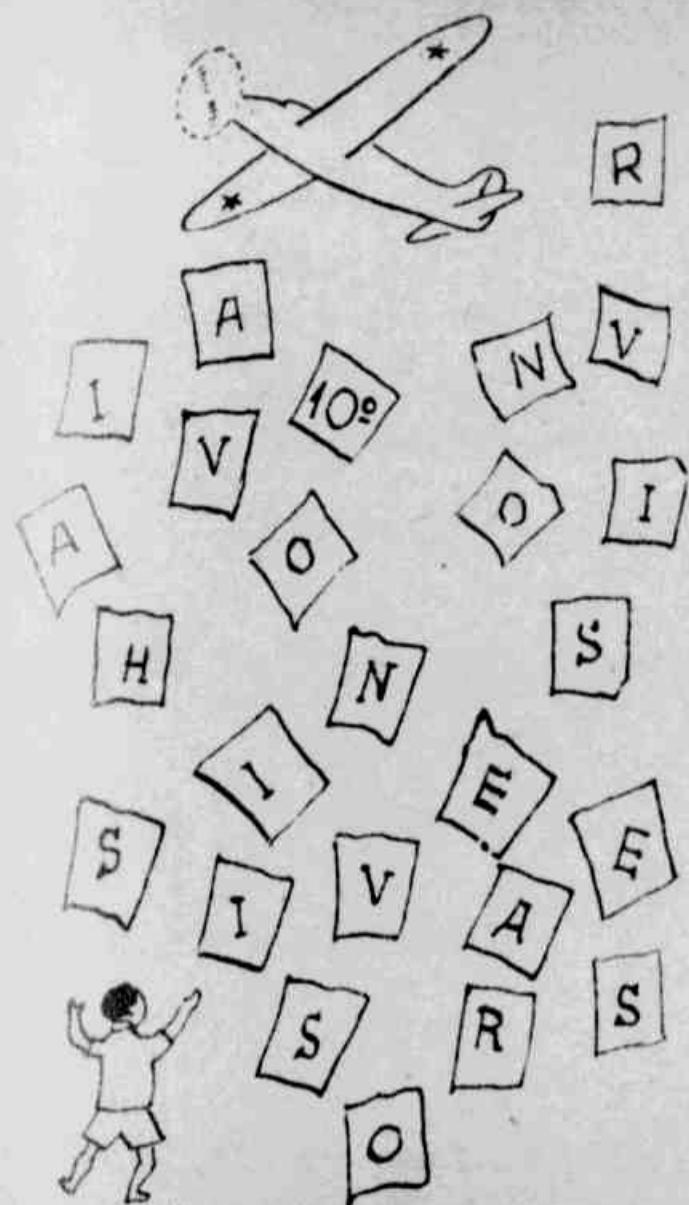
VERTICAIS:

1 - Querer muito; 2 - Sortidos; 3 - Nome de homem; 4 - Símbolo do rádio; 5 - Habitante da Etolia; 6 - Coisa nova; 8 - Proprietária; 9 - Escarnece; 10 - Sobrenome; 15 - Tempo de nascido; 17 - Abertura em arco (pl.); 22 - Leva ao forno; 23 - Pedra; 24 - Qualquer; 26 - Animal mamífero desdentado; 30 - Laço apertado; 31 - Está alegre.

QUE SERÁ?

Aqui existe um muito guloso que pretende comer todas as bananas sem se lembrar de nos oferecer. Vamos desenhá-lo traçando uma linha do ponto N.º 1 ao 42.





A MENSAGEM

O avião passou e jogou vários papézinhos escritos. Vamos ver se conseguimos decifrar a mensagem e para isso basta ordenarmos as letras.

CHARADAS

1 — A nota musical e o bonito põem uma casa comercial em decadência 1-2.

2 — Estudei a perversa na fruta 1-1.

Hélio Muniz Costa

3 — Queira bem e seja abastado com êste nome 2-2.

4 — Olhei e achei graça da ação do homem 1-1-2.

O. R. Carvalho

5 — A vogal do sofrimento tem um laço apertado e é enfeite 1-1-1.

6 — Durante 24 horas ofereça a malvada que tem a coroa 2-1-1.

Arildo Agostinho Rubel

CARTÕES DE VISITA

Com as letras que formam êstes nomes você saberá em que cidade nasceram os donos dos cartões de visita.

ELZA FROTA

DR. A. SALVO

RUI BITAC

LEA JADO

ROGER T. PAOLE

TESTE DE INTELIGÊNCIA

Aqui estão as sílabas separadas e misturadas dos nomes de três brasileiros ilustres. Você que é um menino bastante inteligente e que estuda História do Brasil, poderá, com muita atenção, ordenar as sílabas e saber quem são êstes ilustres personagens.

DE OS CAR O RO WAL
CRUZ LOS DO GO DO
MES

GEOGRAFIA ENIGMÁTICA

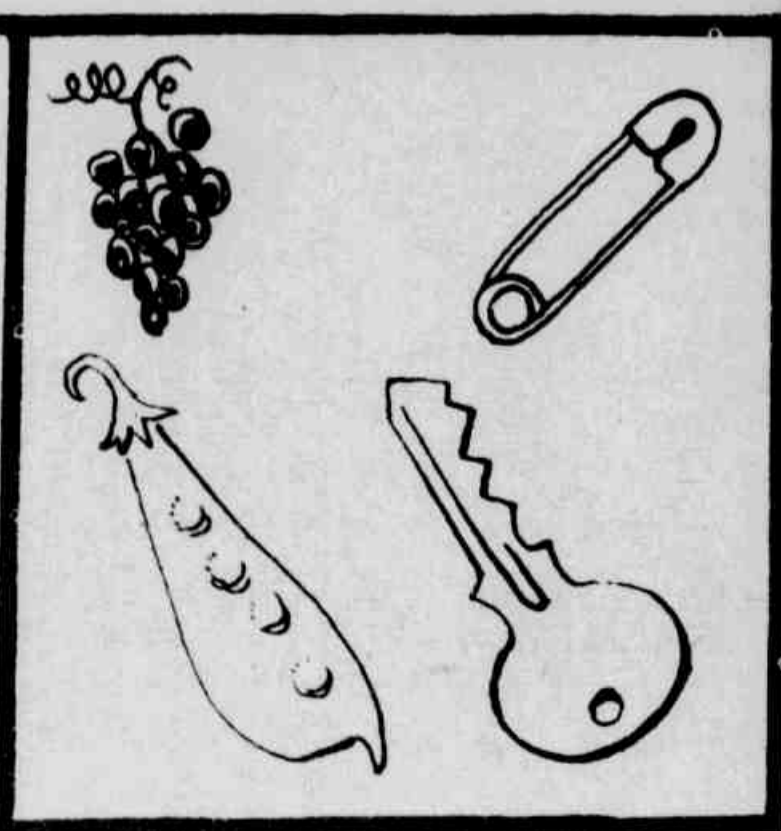
Forme com as iniciais destas figuras um nome geográfico, de acôrdo com a indicação embaixo de cada quadro.



PICO DE MINAS



CIDADE DO CEARÁ



SERRA DO PARANÁ

Clubes de Leitura, Horas de Histórias e Bibliotecas Infantis

"VICENTE GUIMARÃES" e "VOVÔ FELÍCIO"

Continuamos, abaixo, a publicação dos Clubes de Leitura, Bibliotecas, Grêmios Literários e Horas de Histórias que, este ano, nos comunicaram a escolha dos nomes de Vovô Felício e Vicente Guimarães para patronos.

CLUBE DE LEITURA "VICENTE GUIMARÃES"

Classe: 3.º ano
Prof.^a Filomena Alves Filha
Grupo Escolar "Prof. Antônio Aleixo"
BELO HORIZONTE — MG.

Classe: 3.º ano
Prof.^a Itelman de Menezes
Grupo Escolar "Pe. Eustáquio"
BELO HORIZONTE — MG

Classe: 3.ª série n.º 9
Prof.^a Ida Gomes de Araújo
Grupo Escolar "Vigário Duarte"
CAPELA NOVA — MG

Classe: 4.º ano — 2 turmas
Prof.^{as}: Inês e Leopoldina Valadares
Braga
Grupo Escolar "Sinfrônio Fernandes"
CARATINGA — MG

Classe: 3.º ano
Prof.^a: Joaquina Pereira
Grupo Escolar "Joaquim Felício"
DIAMANTINA — MG

Classe: 3.ª série
Prof.^a: Maria Fernandes Ramos
Grupo Escolar "D. Helvécio"
DÔRES DA VITÓRIA — MG

Classe: 3.º ano n.º 9
Grupo Escolar "Eliseu Laborne"
FRANCISCO SÁ — MG

Classe: 4.ª série — 2.º turno
Prof.^a Iris de Abreu Moreira
Grupo Escolar "Francisco Peixoto"
GUARANI — MG

Classe: 4.º ano
Prof.^a Terezinha Cândida Moreira
Grupo Escolar "Mariana de Paiva"
GUIDOVAL — MG

Classe: 3.º ano
Prof.^a Maria de Lourdes Oliveira
Grupo Escolar "Dom José Gaspar"
IBIÁ — MG

Classe: 3.º ano
Prof.^a Terezinha Celina da Silva
Escola Rural "Joaquim Alves Rangel"
LAGE — Mun. de Indianópolis - MG.

Classe: 3.ª série n.º 15
Prof.^a: Elce Alcici
Grupo Escolar "Dr. Lund"
LAGOA SANTA — MG

Classe: 4.ª série n.º 15
Prof.^a: Dalva de Oliveira Nogueira
Grupo Escolar "Botelho Reis"
LEOPOLDINA — MG

Classe: 4.ª série n.º 11
Prof.^a: Francisca Xavier Cabrini
Martins
Grupo Escolar "Sena Figueiredo"
MERCÊS — MG.

BIBLIOTECA INFANTIL "VICENTE GUIMARÃES"

Classe: 3.º ano
Prof.^a: Vanda Paraíso de Moraes
Grupo Escolar "Melo Viana"
CÁSSIA — MG

Classe: 2.º ano
Prof.^a: Adelma Álvares da Silva
Grupo Escolar "Dr. José Gonçalves"
MARTINHO CAMPOS — MG

Classe: 3.º ano n.º 12
Prof.^a Maria Leopoldina Ibrahim
Grupo Escolar "Dr. Vieira Braga"
SANTOS DUMONT — MG

CLUBE DE LEITURA "VOVÔ FELÍCIO"

Classe: 3.º ano
Prof.^a: Maria Geralda
Grupo Escolar "Cel. Frazão"
ITAGUARA — MG

Classe: 3.ª série
Prof.^a: Terezinha Balbi Villela
Grupo Escolar "Visconde de Arantes"
SÃO VICENTE DE MINAS — MG

BIBLIOTECA INFANTIL "VOVÔ FELÍCIO"

Classe: 3.º ano
Prof.^a Joaquina Ribeiro Corrêa
Grupo Escolar "Cônego Cesário"
ITAPECERICA — MG.

Classe: 4.ª série
Grupo Escolar "Senador Melo Viana"
MOEDA — MG.

Classe: 1.ª série
Prof.^a: Amélia Augusta Mourão
Grupo Escolar "Dr. João Pinheiro"
SÊRRO — MG

HORA DE HISTÓRIAS "VICENTE GUIMARÃES"

Classe: 2.º ano
Prof.^a: Maria Stael Reis Lages
Escolas Reunidas "Prof. Abgar Renault"
CARAI — Mun. de Novo Cruzeiro
— MG.

Classe: 2.º ano n.º 10
Prof.^a: Maria do Rosário Peres
Grupo Escolar "Cel. Manuel Pinto"
CARMO DO RIO CLARO — MG

HORA DE HISTÓRIAS "VOVÔ FELÍCIO"

Classe: 2.º ano
Prof.^a Angelina Gonçalves Caldeira
Escola Rural da Fazenda União Borba Gato
FERROS — MG

Classe: 2.ª série n.º 7
Prof.^a: Dolores Celita Fernandes
Grupo Escolar "Luiza dos Santos Ferreira"
PASSABÊM — MG

GRÊMIO JUVENIL "VICENTE GUIMARÃES"

Classe:
Prof.^a: Margarida Maria Militão
Ginásio N. S. das Dores
SENADOR POMPEU — Ceará.

CLUBE DE LEITURA E BIBLIOTECA INFANTIL "VICENTE GUIMARÃES"







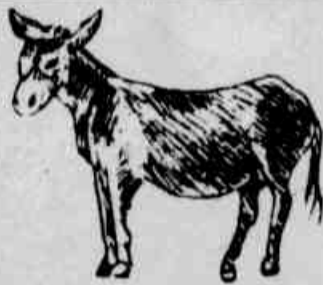







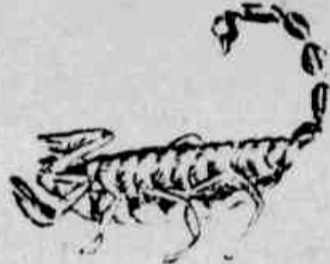


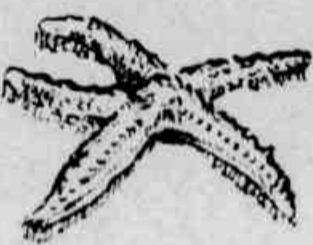

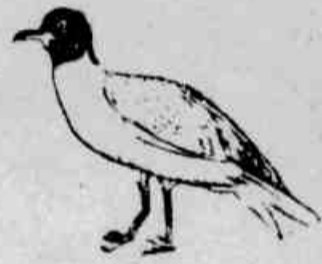




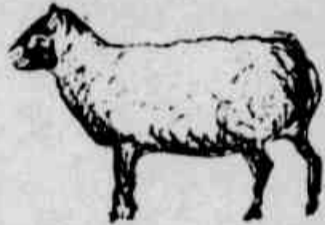



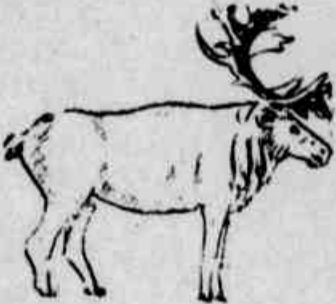




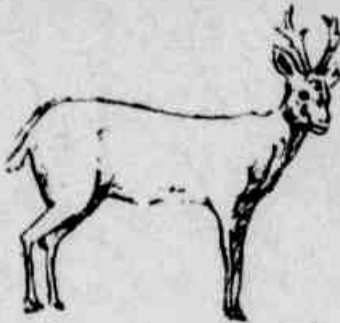
Classe: 3.º ano
Prof.^a: Maria Mercedes Ribeiro Celani
Grupo Escolar de
GUAXUPÉ — MG.

Classe: 4.ª série
Prof.^a Genoveva Khede
Grupo Escolar "Alfredo Lima"
MANHUMIRIM — MG.

CLUBE DE LEITURA "VOVÔ FELÍCIO" E BIBLIOTECA RURAL "VICENTE GUIMARÃES"

Classe: Tôdas
Diretora: Maria José N. Gomes
Escola Rural do Retiro de Anhumas
BRAZÓPOLIS — MG.

VOCABULÁRIO DO ZOOGRIFO

				
ÁGUIA	ANDORINHA	ARANHA	AVE DO PARAISO	BENTIVI
				
BESOURO	BURRO	CAMARÃO	CAMELEÃO	CANGURÚ
				
CENTOPÉIA	COALA	DROMEDÁRIO	ELEFANTE	ESCORPIÃO
				
ESPADARTE	ESQUILO	ESTRELA DO MAR	FLAMENGO	GAIVOTA
				
HIPOPÓTAMO	JOANINHA	LINCE	MARIPOSA	VELHA
				
PANTERA	PERIQUITO	PREGUIÇA	RENA	RINOCERONTE
				
SERIEMA	TATU	TESOURA	VEADO	

SESINHO

Revista Infantil Mensal

Diretor:

VICENTE GUIMARÃES

Gerente:

FERNANDO CESAR A. MORAIS

Propriedade do

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA

(Departamento Nacional)

REDAÇÃO:

Rua México, 31 — 9.º andar

Sala 902

Tel.: 52-9844

RIO DE JANEIRO

Revista da criança inteligente

Preço do exemplar: Cr\$ 5,00

Assinaturas:

Sem.	{	porte simples	Cr\$ 30,00
		registrada	Cr\$ 60,00
Anual	{	porte simples	Cr\$ 60,00
		registrada	Cr\$ 120,00

Representante Comercial para todo o Brasil:

FERNANDO CHINAGLIA

DISTRIBUIDORA S/A

Av. Presidente Vargas, 502 — 19.º andar

Rio de Janeiro

Este é o número 120 da revista SESINHO
edição de 1.º de dezembro de 1957

Impressa por S. A. I. B. — Sociedade Anônima

Impressora Brasileira — São Paulo — Rio

Tiragem deste número 100.000 exemplares



FESTA DE SÃO JOÃO

Em Santos Dumont, Estado de Minas Gerais, os alunos do Grupo Escolar "Padre Antônio Vieira", em cujo 3.º ano n.º 7 foi fundado o Clube de Leitura Vovô Felício, comemoraram com encantadora festa roceira, o dia de São João.

As fotografias apresentam os noivos, Juquinha e Chica, ao lado do Escrivão; os compadres Sebastião e Tereza, que se casaram na festa do ano anterior; a cozinheira que preparou os quitutes gostosos; os padrinhos dos noivos, com sanfona e tudo; João do Mato e seus companheiros; Ana Maria e um grupo de melindrosas sertanejas.



Parque de diversões

RESPOSTAS

GEOGRAFIA ENIGMÁTICA

CAUÊ — ICO — AZUL

CHARADAS

- | | |
|-------------|-------------|
| 1 — Falindo | 4 — Viriato |
| 2 — Lima | 5 — Adorno |
| 3 — Américo | 6 — Diadema |

A MENSAGEM

10.º ANIVERSÁRIO — VIVA O SESINHO!

CARTÕES DE VISITA

FORTALEZA — SALVADOR — CURITIBA — LAJEADO — PORTO ALEGRE

TESTE DE INTELIGÊNCIA

DEODORO — OSWALDO CRUZ — CARLOS GOMES



Solução do Teste do Mês Passado

- | | |
|----------------------------------|------------|
| 1 — Pensão, dotação | Tença |
| 2 — Cantiga medieval | Xácara |
| 3 — Ficar atacado de iriz (café) | Frizar |
| 4 — Ignorante | Insipiente |
| 5 — Frade da Ordem de S. Bruno | Cartuxo |
| 6 — Frouxo, cansado | Lasso |
| 7 — Estômago de animal | Bucho |
| 8 — Nódoa, mancha | Tacha |
| 9 — Lance no jogo de xadrez | Xeque |
| 10 — Pequena manjedoura | Côcho |

Faça você mesmo



ÁRVORE DE NATAL MODERNA

Eis uma sugestão para confeccionar uma pequenina árvore de Natal moderna, destinada ao centro da mesa de doces ou de uma mesinha de sala de visitas. Tome de um galho sêco de uns cinquenta centímetros mais ou menos e o pinte de branco. Depois de sêco, fixe-o sôbre uma tábua (compensado) com base necessária para sustentar o pêso do galho. Cubra a parte dessa tábua com pó de serra ou papel crepon picadinho, imitando relva. Compre bolas coloridas de tamanhos diversos e vá arrumando ao seu gôsto nos diversos galhos. Também coloque estrelinhas e frutas vermelhas com fôlhas, dessas tão comuns nas festas natalinas. Depois, puxe fios de "nylon" e fios prateados unindo os galhos. Veja o efeito maravilhoso que terá. Preparem-se que o Natal se aproxima.

José
Dio

México

O nosso herói está no México, uma República Federal da América do Norte, embora uma parte do seu território esteja situada na América Central. J. B. ficou encantado com esse país; aliás, no Brasil, o México tem grande cartaz e o nosso boneco é fã dos boleros mexicanos. Das inúmeras cidades, êle adorou Vera Cruz, pôrto de mar, onde a natureza vegetal tem um vigor exuberante.

No México há cultura de café, banana, arroz, laranja, milho, etc. A principal riqueza do país é o petróleo. João Bolinha ficou sabendo que a sua população é de 16.500.000 habitantes, dos quais 55% são mestiços, 29% ameríndios, 15% brancos. Aproximadamente, 14% só fala línguas ameríndias. Segundo os cálculos do nosso boneco, a Capital, México, está situada a 2.278 metros de altitude.

João Bolinha também conheceu Acapulco, Guadalajara, Aguas Calientes, etc. Encantado com o México, êle despediu-se, cheio de saudades.

